

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS**

Faculdade de Educação

Curso de Especialização em Formação de Educadores para Educação Básica

Bárbara Leilane Ferreira Santos

**MEDIAÇÃO DE LEITURA:**

ESTRATÉGIAS UTILIZADAS PELOS PROFISSIONAIS DE BIBLIOTECA NA  
ESCOLA MUNICIPAL GERALDO TEIXEIRA DA COSTA PARA MEDIAÇÃO DA  
LEITURA E FORMAÇÃO DO LEITOR INFANTIL

Belo Horizonte

2019

Bárbara Leilane Ferreira Santos

## **MEDIAÇÃO DE LEITURA:**

**ESTRATÉGIAS UTILIZADAS PELOS PROFISSIONAIS DE BIBLIOTECA NA  
ESCOLA MUNICIPAL GERALDO TEIXEIRA DA COSTA PARA MEDIAÇÃO DA  
LEITURA E FORMAÇÃO DO LEITOR INFANTIL**

### **Versão final**

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao Curso de Especialização em Formação de Educadores para Educação Básica da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais como requisito parcial para a obtenção do título de Especialista em Múltiplas Linguagens Na Educação Infantil.

Orientador(a): Prof.<sup>a</sup> Tânia Aretuza  
Ambrizi Gebara

Belo Horizonte

2019

S237m

Santos, Bárbara Leilane Ferreira, 1985-

Mediação de leitura [manuscrito] : estratégias utilizadas pelos profissionais de biblioteca na Escola Municipal Geraldo Teixeira da Costa para mediação da leitura e formação do leitor infantil / Bárbara Leilane Ferreira Santos. - Belo Horizonte, 2019.

88 f., il.

Orientadora: Tânia Aretuza Ambrizi Gebara

Trabalho de Conclusão de Curso -- (Especialização) - Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Educação.

CDD- 372.4

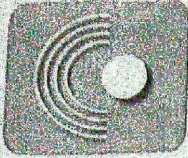
**Catálogo da Fonte \* : Biblioteca da FaE/UFMG (Setor de referência)**

Bibliotecário: Albert Torres. CRB6 2582

(Atenção: É proibida a alteração no conteúdo, na forma e na diagramação gráfica da ficha catalográfica<sup>†</sup>.)

\* Ficha catalográfica elaborada com base nas informações fornecidas pelo autor, sem a presença do trabalho físico completo. A veracidade e correção das informações é de inteira responsabilidade do autor, conforme Art. 299, do Decreto Lei nº 2.848 de 07 de Dezembro de 1940 - "Omitir, em documento público ou particular, declaração que dele devia constar, ou nele inserir ou fazer inserir declaração falsa ou diversa da que devia ser escrita..."

† Conforme Art. 297, do Decreto Lei nº 2.848 de 07 de Dezembro de 1940: "Falsificar, no todo ou em parte, documento público, ou alterar documento público verdadeiro..."




UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO  
Curso de Especialização em Formação de Educadores para  
Educação Básica


ATA DE DEFESA DO OCTINGENTÉSIMO QUINQUAGÉSIMO QUINTO TRABALHO FINAL DO  
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM FORMAÇÃO DE EDUCADORES PARA EDUCAÇÃO BÁSICA  
ÁREA DE CONCENTRAÇÃO MÚLTIPLAS LINGUAGENS EM EDUCAÇÃO INFANTIL


Aos sete dias do mês de dezembro do ano de dois mil e dezenove, realizou-se, na Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais, a apresentação do trabalho final de conclusão do Curso de Especialização em Formação de Educadores para Educação Básica – com o título “Mediação de Leitura: estratégias utilizadas pelos profissionais de biblioteca na Escola Municipal Geraldo Teixeira da Costa para mediação da leitura e formação do leitor infantil”, do(a) aluno(a) Barbara Leilane Ferreira Santos. A banca examinadora foi composta pelos seguintes professores: Tânia Aretuxa Gebara (orientador) e Mônica Correia Baptista. Os trabalhos iniciaram-se às 8h, atendendo a uma escala de apresentações definida pelo(a) orientador(a). Após a apresentação oral do trabalho, a banca examinadora fez uma arguição ao aluno(a). A banca se reuniu, em seguida, sem a presença do(a) aluno(a) e do público, para fazer a avaliação final. Em conclusão, a banca examinadora considerou o trabalho aprovado, atribuindo-lhe a nota 100, conceito A. O resultado final do trabalho foi comunicado ao aluno(a), que deverá encaminhar à Secretaria do curso a versão final em meio digital para (laseb@fae.ufmg.br) e submeter o trabalho salvo em formato PDF/A de acordo com as orientações da Biblioteca universitária da UFMG, Repositório Institucional (www.repositorio.ufmg.br). Nada mais havendo a tratar, eu, Ana Maria de Castro Rocha, secretária do colegiado do curso, lavrei a presente ata que, depois de lida e aprovada, será por mim assinada e pelos demais membros presentes. Belo Horizonte 07 de dezembro de 2019.

Aluno(a) BARBARA LEILANE FERREIRA SANTOS  
Barbara Leilane Ferreira Santos

Registro na UFMG: 2018749689

  
Tânia Aretuxa Gebara  
Professor(a) Orientador(a)

  
Mônica Correia Baptista  
Professor(a) Convidado(a)/avaliador(a)

  
Ana Maria de Castro Rocha  
Secretária do Colegiado de Curso de Especialização

À todos que constroem e estreitam laços entre livros e leitores.

## AGRADECIMENTOS

À Deus, pela vida, pela graça misericordiosa e pela realização de um sonho; estudar na UFMG.

À minha mãe, pelos muitos dias cuidando da minha filha para que eu me dedicasse aos estudos.

Ao meu pai, ainda hoje, meu mediador de leituras.

À minha filha, Lívia, com quem aprimorei minhas habilidades de mediação da leitura, por ter sido paciente quanto às ausências aos sábados.

Às minhas colegas de trabalho: Cláudia Barros, Cláudia Carvalho, Laura Silva, Viviane Gonzaga, Solange Mendes, Wilma de Oliveira por colaborarem na pesquisa.

À Dayanne Mendes, secretária da escola Municipal Geraldo Teixeira da Costa, pela contribuição com os dados dos estudantes.

À Naara Alves, amiga e parceira que em muito influenciou meu perfil profissional e auxiliou na área da tecnologia; assim como a Warley de Paula.

À José Silvestre e Rogério Duarte, pelo incentivo e apoio.

Às, para sempre, minhas bibliotecárias Sabrina Sanches e Sônia Moura pela disponibilidade e contribuições nesta pesquisa e na minha formação profissional.

Às professoras e estudantes do primeiro ciclo da escola Municipal Geraldo Teixeira da Costa pelo envolvimento, parceria, disponibilidade e carinho.

À Tânia Gebara, pela atenção, incentivo, parceria e carinho na orientação deste trabalho.

Às minhas colegas do LASEB pela caminhada de mão dadas.

A experiência de encontrar os livros certos nos momentos certos da vida, esses livros que nos fascinam e que vão nos transformando em leitores paulatinamente [...] basta lembrar como descobrimos, nos primeiros anos da vida, esses livros que deixaram rastros em nossa infância e, talvez, aparecerão nítidas algumas figuras que foram nossos mediadores de leitura: esses adultos íntimos que deram vida às páginas de um livro, essas vozes que liam para nós, essas mãos e estes rostos que nos apresentavam os mundos possíveis e as emoções dos livros (REYES, 2014)<sup>1</sup>.

<sup>1</sup>Disponível em <<https://super.abril.com.br/especiais/o-lado-sombrio-dos-contos-de-fadas/>>. Acesso 28 mai. 2019.

## RESUMO

Esta pesquisa busca conhecer as estratégias utilizadas pelos profissionais de biblioteca da Escola Municipal Geraldo Teixeira da Costa, pertencente à rede pública de ensino de Belo Horizonte - MG- para mediação da leitura e formação do leitor incluindo as adaptações a partir das alterações decorrentes da Lei nº 11.132 e do Decreto nº 17.005 que modificam o quadro de funcionários e as suas atividades. Os métodos utilizados para conduzir este estudo foram: pesquisa documental realizada junto ao Sistema de Gestão Escolar a fim de traçar o perfil dos estudantes quanto à faixa etária e identificação da unidade escolar de origem; utilização dos Portfólios de Atividades da Biblioteca com o propósito de conhecer as atividades desenvolvidas antes da implementação da referida Lei; entrevista com os profissionais da biblioteca com a finalidade de traçar o perfil profissional da atuação no espaço e observação das visitas das turmas de primeiro ano do primeiro ciclo de formação humana, no intuito de acompanhar a dinâmica das atividades realizadas. Tais métodos possibilitam um levantamento quantitativo e qualitativo com relação a dados importantes referentes aos estudantes matriculados no 1º ano do Ensino Fundamental concernentes à primeira infância: proporção número de escolas X disponibilidade de biblioteca; levantamento do acervo; percentuais e dinâmicas de execução de atividades de mediação desenvolvidas no triênio 2017/2019. Os referenciais teóricos e as análises se embasaram em contribuições a respeito da formação do leitor, tais como: Aguiar e Bordini (1993) e Silva (2009); nas concepções de leitura de Freire (1989) e Reyes (2012); para mediação da leitura foram usados Reyes (2014), Lima e Freitas (2017) e Souza; Scheffer; Souza (2018); e sobre a categoria de infância mobilizou-se os apontamentos de Goulart (2008) e Pereira (2008). No que se refere aos resultados, foi possível perceber que, no tocante às estratégias elaboradas pelos profissionais de biblioteca para a mediação da leitura e formação do leitor infantil, é recorrente a utilização constante do objeto livro. Também foi possível perceber por meio dos relatos e portfólios examinados a produção de cenários, figurinos e objetos construídos pelos profissionais, o que confere um investimento em diferentes estratégias de organização do trabalho pedagógico na escola pesquisada. A fim de apresentar outras possibilidades de condução da mediação da leitura, foi desenvolvido um plano de ação estruturado em abordagens não identificadas nas práticas dos profissionais participantes do estudo.

Palavras-chave: Formação do leitor. Infância. Leitura. Mediação da leitura

## LISTAS DE FIGURAS

Imagem 1 - Biblioteca Professora Márcia Ribeiro Pacheco.....	35
Imagem 2 - Contação de histórias.....	51
Imagem 3 - Disponibilização do acervo infantil nas mesas pela ausência das estantes apropriadas.....	53
Imagem 4 - Estantes ergonômicas instaladas no segundo semestre de 2017.....	53
Imagem 5 - Estudantes com a Pasta utilizada para realizar o empréstimo.....	58
Imagem 6 - Painel utilizado para a realização da Chamada.....	59
Imagem 7 - Livro considerado “errado” pela criança observada.....	60
Imagem 8 - Momento da leitura livre.....	62
Imagem 9 - Crianças assistindo ao vídeo da música Cadê o Juízo do Menino?.....	65
Imagem 10 - Objetos confeccionados para a atividade com o livro Cadê o Juízo do Menino?.....	66
Imagem 11 - Apertando o parafuso da aluna e da Boneca Lelê, mascote da turma.....	67
Imagem 12 - Ilustração do livro O Guloso,p.05.....	71
Imagem 13 - Exposição das produções a partir do livro Ah não, Bóris!.....	74
Imagem 14 - Produções a partir do livro Ah não, Bóris!.....	74
Imagem 15 - Livros produzidos pelos estudantes.....	76
Imagem 16 - Livro produzido por uma aluna.....	77
Imagem 17 - Livros produzidos pelos estudantes;	

biografia.....	77
Imagem 18 - Livros produzidos pelos estudantes; curiosidade e informativo.....	78
Imagem 19 - Livros produzidos pelos estudantes.....	78
Imagem 20 - Livros produzidos por aluno - Detalhe dados do autor.....	79

## LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Perfil dos profissionais da Biblioteca: profissão, formação e tempo de atuação.....	44
Quadro 2 - Cronograma do processo de desenvolvimento do estudo.....	45
Quadro 3 - Características da unidade escolar frequentada anteriormente pelos estudantes matriculados no 1º ano do 1º ciclo.....	48
Quadro 4 - Atividades de mediação da leitura.....	55

## LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Quantitativo de contações de história por turma de 1º ano do 1º ciclo....52

Tabela 2 - Estratégias de mediação e frequência de utilização.....56

## LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AAE	Assistente Administrativo Educacional
AEE	Atendimento Educacional Especializado
DCNEI	Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Infantil
ECA	Estatuto da Criança e do Adolescente
EJA	Educação de Jovens e Adultos
EMEI	Escolas Municipais de Educação Infantil
GERBI	Gerência de Bibliotecas
GETECO	Geraldo Teixeira da Costa
MEC	Ministério da Educação
PAE	Programa Aceleração do Estudante
PEI	Programa Escola Integrada
PNAIC	Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa,
PNBE	Programa Nacional Biblioteca na Escola
PNE	Plano Nacional de Educação
PSE	Programa Saúde na Escola
RMEBH	Rede Municipal de Educação de Belo Horizonte
SENAI	Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial
SGE	Sistema de gestão Escolar
SMED	Secretaria Municipal de Belo Horizonte
SUDECAP	Superintendência de Desenvolvimento da Capital

UMEI      Unidades Municipais de Educação Infantil

## SUMÁRIO

<b>1. INTRODUÇÃO</b>	<b>15</b>
<b>2. JUSTIFICATIVA</b>	<b>19</b>
<b>3. OBJETIVOS</b>	<b>21</b>
3.1 Objetivo Geral	21
3.2 Objetivos Específicos	21
<b>4. CONTEXTUALIZAÇÃO</b>	<b>22</b>
4.1 Da criança que fui à profissional que sou	22
4.2 A Escola Municipal Geraldo Teixeira da Costa, 40 anos de educação pública de qualidade	27
4.3 A biblioteca escolar na Rede Municipal de Belo Horizonte	30
4.4 A Biblioteca Professora Márcia Ribeiro Pacheco	31
<b>5. REFERENCIAL TEÓRICO</b>	<b>36</b>
5.1 Era uma vez... A literatura infantil	36
5.2 A criança, a biblioteca escolar e a leitura	38
<b>6. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS</b>	<b>43</b>
<b>7. ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS</b>	<b>47</b>
7.1 Os estudantes do 1º ano do Ensino Fundamental	47
7.2 Portfólio de atividades e perfil dos profissionais	49
7.3 Período de Observação	57
7.4 Plano de ação	63
7.4.1 <i>Uso de novas tecnologias: Cadê o juízo do menino?</i>	64
7.4.2 <i>Uso de novas tecnologias: Emengarda, a barata</i>	68
7.4.3 <i>Exploração de livros de imagem: O Guloso</i>	70
7.4.4 <i>Interatividade com a obra: Ah não, Bóris!</i>	72
7.4.5 <i>Produção dos estudantes: Sendo autor</i>	75
<b>8. CONSIDERAÇÕES FINAIS</b>	<b>80</b>
<b>REFERÊNCIAS</b>	<b>81</b>

## 1. INTRODUÇÃO

[...] a literatura corresponde a uma necessidade universal que deve ser satisfeita sob a pena de mutilar a personalidade, porque pelo fato de dar forma aos sentimentos e à visão do mundo ela nos organiza, nos liberta do caos e portanto nos humaniza (CANDIDO, 2011,p.188).

Em Belo Horizonte, todas as escolas municipais de ensino fundamental possuem biblioteca. Nas anteriormente denominadas Unidades Municipais de Educação Infantil – UMEI – segundo relatos de profissionais da área, quando a demanda de abertura de turmas carece da disponibilização imediata de um espaço, a biblioteca converte-se em sala de aula. Paiva (2016), confirma a afirmação oral destes profissionais através de uma pesquisa que em 2010 aponta a inexistência de biblioteca na maioria das Escolas Municipais de Educação Infantil - EMEI, atualmente chamadas UMEIs<sup>2</sup>. Sabe-se que, apesar de ser a prática adotada visto a urgência da demanda, ela é um retrocesso à determinação da Lei Federal nº 12.244 de 24 de maio de 2010 que diz sobre a obrigatoriedade da existência de uma biblioteca escolar em todas as unidades públicas ou particulares de ensino até 2020. De fato a inexistência da biblioteca escolar não impede que o livro chegue a seu destino final que é o aluno, entretanto, devemos reconhecer que “[...] a biblioteca escolar desempenha a função ‘extra’ de propiciar práticas que fomentem o gosto pela leitura [...]” (PAIVA, 2016, p. 43). E onde não há biblioteca, conseqüentemente, não há bibliotecário.

A ação do mediador de leitura é de fundamental importância para a formação do leitor independente e crítico. Considerando que, segundo o Reyes (2014), o mediador de leitura é aquele que oportuniza envolvimento do leitor e do objeto livro, em casa os familiares assumem este papel e dentro da unidade escolar, o professor e os profissionais de biblioteca são estes agentes. Tendo em vista as variadas demandas do professor, no caso da educação infantil, que se estendem do banho ao desenvolvimento de habilidades pré-alfabéticas, a ação do profissional de

2 Lei nº 11.132, de 18 de setembro de 2018. Estabelece a autonomia das Unidades Municipais de Educação Infantil - Umeis, transformando-as em Escolas Municipais de Educação Infantil - Emeis, cria o cargo comissionado de Diretor de Emei, as funções públicas comissionadas de Vice-Diretor de Emei e de Coordenador Pedagógico Geral, o cargo comissionado de Secretário Escolar, os cargos públicos de Bibliotecário Escolar e de Assistente Administrativo Educacional e dá outras providências. Belo Horizonte, MG,2018.

biblioteca como mediador de leitura potencializa as oportunidades de interação entre a criança e o universo literário.

A carência da biblioteca escolar nas unidades de educação infantil incide não apenas na formação do leitor, mas também no trabalho do profissional. A criança que até os 6 anos incompletos de idade não se habituou a frequentar o espaço da biblioteca, a desenvolver os comportamentos adequados ao espaço, a explorar o acervo organizado adequadamente, a manusear o livro corretamente, a realizar o empréstimo domiciliar e suas subseqüentes responsabilidades com o material fora do espaço escolar e a desenvolver práticas de preservação e manutenção do acervo, quando passa a ter em sua rotina visitas à biblioteca, sente-se deslumbrada e ao mesmo tempo desajustada, não compreendendo a finalidade e oportunidades do espaço. A subtração do uso deste espaço cultural na educação infantil pode influenciar na construção do sujeito leitor crítico e independente. A ação do profissional da biblioteca como mediador, diante disso, necessita ser ainda mais precisa, metódica, sistemática e eficiente para atender a este leitor-usuário iniciante.

Ainda sobre o panorama legal, Belo Horizonte (1996) estabelece que as bibliotecas devem ser gerenciadas pelo bibliotecário com o apoio do auxiliar de biblioteca escolar, criando 20 vagas para o primeiro cargo e 350 para o segundo a serem preenchidas através de concurso público. No ano seguinte, com a instalação do Projeto Escola Plural em Belo Horizonte, inicia-se o Programa de Revitalização das Bibliotecas Escolares que incluía melhorias na estrutura da biblioteca (acervo, mobiliário e equipamentos) e na capacitação dos profissionais, ofertando cursos, seminários e encontros de discussões.

Até fevereiro de 2019, o quadro de funcionários da biblioteca era composto por 1(um) auxiliar de biblioteca por turno e 1(um) bibliotecário por escola, quando esta se tratasse de uma Biblioteca Pólo. As escolas que possuíam professores em readaptação funcional, poderiam incluí-los no setor.<sup>3</sup> Segundo informação disponível

3 Portaria Secretaria Municipal de Educação - SMED - Nº 182/2016 Dispõe sobre critérios para a organização do quadro de pessoal das Escolas Municipais e do quadro administrativo das Unidades Municipais de Educação Infantil da Rede Municipal de Educação de Belo Horizonte e dá outras providências.

na página web da Prefeitura de Belo Horizonte<sup>4</sup> a cidade possuía em agosto de 2018, 191 bibliotecas escolares e um quadro de 37 bibliotecários e 423 auxiliares de biblioteca. A lei municipal nº 11.132 de setembro de 2018, e seu subsequente decreto<sup>5</sup> modificaram o quadro de funcionários da biblioteca, regulamentando a criação do cargo de bibliotecário escolar e unindo os cargos de auxiliar de biblioteca e auxiliar de secretaria transformando-os em Assistente Administrativo Educacional - AAE. A nova nomenclatura e atribuições dos auxiliares, acarretou na lhes permitia participar ativamente da formação do leitor<sup>6</sup> e da exclusividade do seu espaço de ocupação. De acordo com a nova organização, mesmo o AAE, profissional de nível médio que desde seu ingresso na rede participa de capacitações para atuar na biblioteca, pode trabalhar na secretaria. Da mesma forma, aquele que sempre trabalhou na secretaria pode atuar na biblioteca sem ter experiência ou capacitação.

Nesta realidade da ausência de biblioteca nas EMEIs e da pouca qualificação dos profissionais nas bibliotecas de ensino fundamental I, questiono como se faz a prática da tripla relação entre leitor-livro-mediador? Tendo em vista o fato de que não compete mais ao AAE a parte do apoio pedagógico escolar e que algumas bibliotecas ainda não possuem um bibliotecário lotado na unidade, de que maneira a mediação da leitura acontece? Os profissionais de biblioteca reconhecem a importância da formação da criança como leitora? Estes profissionais relatam dificuldades e se sentem preparados para o trabalho de mediação? Quais métodos, ferramentas, materiais eles utilizam para atender ao leitor iniciante oportunizando seu crescimento como leitor independente e o desfrute literário?

4 Disponível em <<https://prefeitura.pbh.gov.br/noticias/nova-organizacao-aumenta-o-numero-de-profissionais-nas-bibliotecas-escolares>> Acesso em 29 de abril de 2019.

5 Lei nº 11.132, de 18 de setembro de 2018. Estabelece a autonomia das Unidades Municipais de Educação Infantil - Umeis, transformando-as em Escolas Municipais de Educação Infantil - Emeis, cria o cargo comissionado de Diretor de Emei, as funções públicas comissionadas de Vice-Diretor de Emei e de Coordenador Pedagógico Geral, o cargo comissionado de Secretário Escolar, os cargos públicos de Bibliotecário Escolar e de Assistente Administrativo Educacional e dá outras providências.

Decreto nº 17.005, de 31 de outubro de 2018. Regulamenta a Lei nº 11.132, de 18 de setembro de 2018, quanto às atividades dos ocupantes dos cargos e funções por ela estabelecidos.

6 O edital 01/2003 e 02/2008 do concurso para auxiliar de biblioteca escolar, diz da sua atribuição, dentre outros: participar da elaboração e promover ações integradas com o projeto-político-pedagógico da escola.

A pesquisa foi realizada na Escola Municipal Geraldo Teixeira da Costa, contemplando as seguintes etapas: levantamento das unidades escolares de origem dos estudantes do 1º ano para confirmação da disponibilidade da biblioteca no ano de 2018; aos profissionais, entrevista a fim de traçar o perfil quanto a formação acadêmica, capacitação para atuar na biblioteca, tempo de atuação e atividades de mediação da leitura; análise dos portfólios de atividades da biblioteca para se estabelecer um paralelo entre as atividades de mediação antes e após a implementação da Lei nº 11.132.

Após compreender a dinâmica das relações entre leitor-livro-mediador, em como esta ligação se constitui, apresenta-se um plano de ação que busca contribuir com as possibilidades de atuação de cada profissional, no que tange à formação leitora dos estudantes do primeiro ano do primeiro ciclo da Escola Municipal Geraldo Teixeira da Costa.

## 2. JUSTIFICATIVA

Uma sociedade justa pressupõe o respeito dos direitos humanos e a fruição da arte e da literatura em todas as modalidades e em todos os níveis é um direito inalienável (CANDIDO, 2011, p.193).

Algumas crianças na Educação Infantil têm o primeiro contato com a leitura literária ao mesmo tempo em que tem acesso ao símbolo da escrita. Esta é uma experiência bastante enriquecida de recursos quando a criança é introduzida ao processo de alfabetização. O relacionamento parceiro entre ler e brincar, ler e fantasiar, ler e se divertir, ler e aprender é reforçado na ambientação do espaço da biblioteca, caracterizado em algumas Escolas Municipais de Educação Infantil, como brinquedoteca que dispõe de livros, brinquedos e livro-brinquedo. Entretanto, é importante reforçar que segundo profissionais da Educação Infantil é comum a prática da descaracterização das bibliotecas para serem utilizadas como salas de aula. Tenho a hipótese de que a subtração deste espaço cultural pode desfavorecer o processo de construção do sujeito leitor.

Nas escolas de ensino fundamental é comum que esteja inserido na rotina das turmas de primeiro e segundo ciclo uma visita semanal à biblioteca.

O profissional de biblioteca do ensino fundamental, como mediador, necessita reconhecer a singularidade deste atendimento e elaborar estratégias que afetem a criança tanto na sua experimentação do ato da leitura quanto da formação e construção do leitor crítico e independente.

Em setembro de 2018, com a implantação da Lei nº 11.132, o quadro de funcionários das bibliotecas escolares da Rede Municipal de Ensino de Belo Horizonte foi alterado. Até a data da publicação desta lei, as bibliotecas eram denominadas “pólo”, quando o bibliotecário era lotado na unidade, ou “coordenada”, quando o bibliotecário assessorava o trabalho dos auxiliares em visitas programadas.

Em fevereiro de 2019, iniciou-se a nova organização do quadro de funcionários e os anteriormente denominados auxiliares de biblioteca escolar e auxiliar de secretaria escolar passaram a ser nomeados assistentes administrativos educacionais, perdendo o vínculo pedagógico e a serem lotados em ambos espaços

sem exclusividade.

O cenário normativo atual que constitui a biblioteca escolar municipal está em reformulação, com bibliotecas ainda sem bibliotecário lotados na unidade e com AAE que atuavam na secretaria e não possuem formação para atuar como mediador literário. Diante disto, faz-se necessário conhecer a respeito do impacto, ou não desta legislação na prática da mediação da leitura realizada pelos profissionais de biblioteca das escolas públicas municipais de Belo Horizonte.

A Escola Municipal Geraldo Teixeira da Costa foi selecionada como local de pesquisa devido a história de ensino para o fundamental II, III e ensino médio durante 37 anos consecutivos e sua adequação, nos últimos três anos, para atender aos estudantes de séries iniciais. Quando a escola iniciou seu atendimento ao primeiro ciclo a estrutura da biblioteca não atendia as necessidades deste público; o acervo era predominantemente juvenil e adulto, as mesas não eram ergonômicas a estatura das crianças e os profissionais da biblioteca não tinham capacitação para atendimento ao leitor infantil.

Além disso, a presente pesquisa justifica-se pela possibilidade de trazer contribuições para reflexões sobre a prática dos profissionais de biblioteca diante das alterações de atribuições sofridas por alguns deles e possíveis apontamentos de estratégias de mediação.

### **3. OBJETIVOS**

#### **3.1 Objetivo Geral**

O objetivo geral desta pesquisa é analisar as estratégias, ações e recursos utilizados pelos mediadores de leitura literária, na biblioteca, com crianças da primeira infância matriculadas no 1º ano do ensino fundamental na Escola Municipal Geraldo Teixeira da Costa, cidade de Belo Horizonte.

#### **3.2 Objetivos Específicos**

- Elencar quais materiais e técnicas os profissionais de biblioteca utilizam para tornar os momentos de leitura agradáveis, prazerosos, lúdicos, interessantes e criativos a fim de formar leitores não apenas pela funcionalidade do ato, mas pelo prazer que a leitura proporciona.
- Analisar os dados confrontando as informações levantadas e observadas de forma a apresentar nova perspectiva de atuação.
- Propor um plano de ação abrangendo aspectos não envolvidos pelos profissionais de biblioteca ou que poderiam ocorrer de maneira mais efetiva na mediação.

## **4. CONTEXTUALIZAÇÃO**

Início a contextualização deste trabalho abordando brevemente parte da minha trajetória, no intuito de aproximar o leitor do lugar de fala dessa autora e das condições de produção do presente texto. Trago, também um breve panorama histórico da Escola Municipal Geraldo Teixeira da Costa, campo desta pesquisa, das suas lutas e conquistas políticas a favor da educação em seus 40 anos como instituição de ensino na região de Venda Nova. Posteriormente, apresento um cenário da construção das políticas da biblioteca escolar na Rede Municipal de Belo Horizonte, desde a criação do Programa de Bibliotecas até a implementação da Lei nº 11.132 e do Decreto nº 17.005. Finalizo a contextualização com o histórico da Biblioteca Professora Márcia Ribeiro Pacheco, espaço de atual dos profissionais investigados neste estudo.

### **4.1 Da criança que fui à profissional que sou**

Nasci em Janeiro de 1985, dois dias após a virada do ano na cidade de Oliveira, interior de Minas Gerais. Uma bebê bem “rechonchuda” com quase quatro quilos, primeira filha de um casal jovem: minha mãe, Cida, com 21 anos e meu pai, Luís, com 19 anos. Ela, do lar e ele, técnico em eletrônica, moravam na cidade de Itaguara, onde me criaram.

Cidade pequena, cerca de 10 mil habitantes na época. Era marcante a caracterização rural com ruas de calçamento de pedra, transporte através de animais e o bucolismo que estas cidades nos trazem.

Brincava na rua com as crianças da vizinhança de queimada, mãe da rua e pique esconde, enquanto nossas mães teciam tapetes de arraiolo sentadas em grupos nas calçadas ou varandas. Frequentemente fazíamos piquenique na praça da igreja matriz Nossa Senhora das Dores com biscoitos de polvilho, rosca, laranjas e suco. Depois brincávamos no único parque municipal, a Praça da Criança, que possuía apenas uma roda nem tão gigante, balanços, argolas, tique-taque e escorregador, todos enferrujados. Em frente ao parque municipal, destacava-se, naquela cidade de construções simples e com poucas opções culturais, o prédio da

Biblioteca Municipal João Guimarães Rosa.

João Guimarães Rosa morou em Itaguara na década de 1930. Foi uma homenagem a ele nomear a biblioteca municipal. Não apenas com o nome, mas também com alguns objetos pessoais e textos originais que ficavam guardados em um armário de madeira e portas de vidro no fundo da biblioteca. A biblioteca sempre proporcionava oficinas e exposições relacionadas à vida e a obra dele. Guimarães Rosa era o menino dos olhos nas atividades culturais organizadas pelo município.

Fui matriculada aos cinco anos na pré-escola da Escola Estadual Coronel Frazão, mesmo prédio onde funcionava o ensino fundamental. Minhas memórias literárias partem daí. Antes de frequentar a escola, pelo que me recordo, meu contato com o texto impresso se limitava a ver a Bíblia aberta sobre a estante da sala e o missal aos domingos.

Minha professora primária se chamava Clarice, Tia Clarice. Alta, loira, carinhosa, nos recebia com abraços e nos acalentava dizendo que os pais já voltariam para nos buscar. Lembro-me pouco deste período. O que me marcou e que ainda me recordo era de depois do lanche, sentarmos ou deitarmos cada um em seu tapete para ouvir uma história. Havia meu nome pintado de esmalte vermelho no tapete e eu gostava de passar os dedos na superfície áspera e rígida das letras enquanto ela lia para nós.

A Tia Clarice gostava de ler *O Cachorrinho Fugão* de Elisa Barbosa Campos e de ler parlendas. Ouvei muitas e muitas vezes a mesma história daquele cachorrinho correndo atrás de uma bola e não me cansava. Escutava atentamente. Olhos vidrados nas imagens que ela mesma coloria. Ela lia e mostrava as páginas. Algumas crianças dormiam. Eu não, eu queria ouvir de novo e de novo.

Na 1ª série, a tia Clarice novamente foi minha professora e naquele ano ela gostava de ler além de *O Cachorrinho Fugão*, *O Barquinho Amarelo* de Ieda Dias da Silva. Nós ainda nos sentávamos em círculo nos tapetes e usando o mesmo método de ler e mostrar as páginas. Ela não nos deixava pegar naqueles livros. Eram dela. Mas nos levava à biblioteca da escola para manusearmos e escolhermos o que queríamos levar para casa. A bibliotecária fazia shhhhhh! Tínhamos que falar baixo.

A maioria das crianças corria para a caixa de revistas em quadrinhos, porém, eu preferia os livros. Encantava-me passar as páginas, sentir a textura do papel, o peso do livro, ver as letras grandes e conseguir decifrar o texto. Às vezes eu pedia a professora para ler para mim, só para ouvir a voz dela. Escolhia com carinho o livro que eu levaria para casa e lá, quem me ajudava a ler era meu pai.

Meus pais não concluíram sequer o ensino fundamental da época. Minha mãe tinha muita dificuldade na interpretação e, sempre atarefada, pedia para que eu pedisse ajuda ao meu pai que era encantado pela literatura. Ele ama livros!

Aos sete anos eu já sabia ler e escrever e ganhei do meu pai uma coleção de livros de capa dura dos clássicos infantis em 12 volumes. Eles tinham um lugar especial na estante de sucupira da sala. Eram pesados e as páginas firmes assim como a capa. Tinha lindas imagens. Bem diferentes das do livro da tia Clarice.

Eu me lembro de nesta idade começar a frequentar a biblioteca municipal. Cidade pequena, fazíamos passeios a pé e a visitávamos com frequência. Ao contrário da biblioteca escolar, na municipal eu não podia fazer empréstimos sem meus pais.

Não sei se foi a Tia Clarice ou meu pai que me incentivou a visitar regularmente a biblioteca municipal. Sei que eu gostava de lá, que meu jeito tímido e tranquilo combinava com o clima da biblioteca e quando íamos à Praça da Criança e me cansava de brincar, atravessava a rua para ler.

Entrar na biblioteca era adentrar em outro universo. Ela era gigantesca aos meus olhos de menina! Paredes brancas, piso de cerâmica, banheiros azulejados! E as estantes... Ah... As estantes! Corredores de prateleiras de aço abarrotadas de livros. À frente, mesas retangulares, algumas altas, outras mais baixas. À esquerda, prateleiras baixas com o acervo infantil e infanto-juvenil, depois longos corredores de prateleiras altas e ao fundo um armário de madeira e portas de vidro que ocupava toda a parede com livros que ficavam trancados. Eu pensava "Devem ser os livros mais legais e estão trancados." Muito tímida, não perguntava quais livros eram aqueles. Demorei anos para descobrir que eram primeiras edições de algumas obras do Guimarães Rosa.

Quando aos oito anos comecei a fazer a catequese, pude me inscrever na biblioteca do salão paroquial. Eu assinava meu nome no livro de empréstimos e achava aquilo bem importante! A partir daí minha relação com a literatura cresceu mais e mais.

Quando não estava na biblioteca escolar estava na municipal. Ou em casa com minha coleção de capa dura em 12 volumes. Ou na companhia de uma amiga, sobrinha da escritora Neusa Sorrenti que às vezes passeava na nossa cidade e nos contava histórias do Sítio do Pica Pau Amarelo. Foi através dela que eu conheci as obras de Alaíde Lisboa de Oliveira. A Bonequinha Preta, O Bonequinho Doce e Cirandinha compunham meu acervo favorito junto ao Cachorrinho Fuião (que depois descobri não era um livro de literatura, mas sim, uma cartilha alfabetizadora), O Barquinho Amarelo, Lúcia já-vou-indo, Brinquedos na noite e a coleção Os Pingos.

No início da adolescência, na busca por encontrar um grupo no qual me encaixasse, fiz alguns meses de teatro, ofertado por um grupo da própria biblioteca e dois anos de coral na igreja.

Li muito na infância e na adolescência. Sempre livros em romance. Meu pai dizia que revistas em quadrinhos custavam caro, que era o preço de um par de chinelos e por isso ele não compraria. Na biblioteca havia quadrinhos, mas eu não me interessava por eles então não me importava se meu pai não quisesse comprar. Também não gostava de poesias. Sempre e sempre fazia empréstimos de livros em prosa. Na adolescência a coleção Vaga-Lume e as obras de Pedro Bandeira eram minhas prediletas. Lembro-me de ler e gostar muito também de Meu pé de laranja-lima, e Memórias de um cabo de vassoura. Esta última foi, inclusive, uma das peças que interpretei na escola.

Quando me mudei de Itaguara para Belo Horizonte em 2001, frequentei o 2º ano do Ensino Médio em uma escola estadual que não possuía biblioteca. Foi tão estranho... Me distanciei dos livros. Não conhecia Belo Horizonte o suficiente para ir aos centros culturais ou a biblioteca municipal na Praça da Liberdade. As amigas que fiz aqui ou não se interessavam pela leitura ou compravam seus próprios livros.

No ano seguinte trabalhei como estagiária no Jardim Municipal Henfil, no

bairro Jaraguá. Comecei na biblioteca, depois me transferiram para a sala de aula para acompanhar um aluno com deficiência. O período de um ano que trabalhei nesta instituição me fez despertar para o desejo e dúvida de estudar Biblioteconomia, Pedagogia, Fonoaudiologia ou Terapia Ocupacional.

Prestei vários vestibulares alternando os cursos, sem sucesso. Parei de fazer vestibular e foquei nos concursos públicos. Fui aprovada como auxiliar de biblioteca na rede municipal e assumi em janeiro de 2008 na Escola Municipal Geraldo Teixeira da Costa no bairro Rio Branco onde ainda trabalho.

Carinhosamente conhecida como GETECO, no início eu atendia a turmas de sétimo ao nono ano. Depois passei a atender turmas do sexto ao oitavo e atualmente atendo a turmas de primeiro, segundo, terceiro, sexto e sétimo ano.

Voltar a trabalhar na educação me incentivou a cursar Pedagogia e me formei em 2010 na modalidade a distância.

Amo o que faço na biblioteca em que trabalho. Trabalho com amor, com dedicação. Leio histórias para os estudantes menores todos os dias e me vejo como a Tia Clarice fazendo vozes diferentes, arregalando os olhos e gesticulando. O pouco que aprendi no teatro me ajuda a ter domínio sobre o corpo em usá-lo a favor do personagem que interpreto. Os ensaios no coral me ajudaram a tentar cantar afinado, a mudar a voz e a cuidar dela.

Quando trabalho preservação do acervo com os maiores me lembro da bibliotecária municipal, não me recordo do nome, ensinando que não podemos desgrudar as páginas com saliva nem marcar as páginas dobrando a pontinha. Lembro das orientações dela que não se justificavam muito para mim, pareciam apenas importunar. Não seguia todas as orientações dela e mesmo pensando não ter deixado rastros, ela descobria. Como poderia? Ela tinha superpoderes?

Hoje, quando escolho a leitura da semana ou faço shhhhhh! Ou olho friamente para quem atrasou com o livro ou suspiro ao ver um livro danificado também me lembro delas. Ou quando escuto baixinho o desembulhar do pacote de bolacha debaixo da mesa. Ou quando percebo movimentos sutis do maxilar de quem masca chicletes. Sim, bibliotecários tem superpoderes! Despercebidamente

tornou-se intrínseco a mim a mediação da leitura e os cuidados com o livro. Ao ponto de carregar marcadores de página na bolsa para oferecer no ônibus a quem usa a orelha do livro.

Minha formação como leitora influenciou diretamente na minha formação profissional pois uma memória está sempre ligada a uma prática atual. Como fui desde a infância imersa neste universo, preocupa-me que algumas crianças não tenham tal oportunidade e que esta carência acarrete uma relação deformada com a leitura. Meu pai, Tia Clarice e os funcionários das bibliotecas que frequentei atuaram com excelência na mediação da minha leitura e os resultados desta dedicação são vistos hoje na minha prática leitora e mediadora.

#### **4.2 A Escola Municipal Geraldo Teixeira da Costa, 40 anos de educação pública de qualidade**

A Escola Municipal Geraldo Teixeira da Costa em seus 40 de funcionamento tem um histórico vasto e falho em registros. Realizar a linha do tempo demandou tempo com buscas em documentos internos e na internet e entrevistas com ex-funcionários.

Fundada em março de 1979, na Rua Márcio Lima Paixão, 08, Bairro Rio Branco Belo Horizonte – MG, a Escola Municipal Geraldo Teixeira da Costa recebeu este nome em homenagem ao diretor do jornal Estado de Minas. Mais tarde, a escola recebeu o carinhoso apelido de GETECO. Sua construção se deu à promessa dos professores e candidatos a vereador e a deputado estadual Rogério Vidigal e Orlando Vaz Filho, respectivamente, em ofertar à comunidade local uma escola modelo.

GETECO... (2009) esclarece que escola seria um anexo do Colégio Municipal administrada professor Guilherme Lage e dirigida pela professora Márcia Ribeiro Pacheco indicada para idealizar a escola e ser a primeira diretora. Quando a biblioteca da escola foi inaugurada, homenageou-se a esta diretora nomeando o espaço com o seu nome.

O audacioso projeto arquitetônico elaborado pela Superintendência de

Desenvolvimento da Capital - SUDECAP - para atendimento estudantes da pré-escola ao ensino médio. A construção fugia aos modelos da época; uma escola ampla, arejada, com jardins, estacionamento, quadras cobertas, piscina, pista de corrida, laboratórios, salas de aula em grandes proporções e outras para oficinas profissionalizantes, educação artística, atendimento médico e dentário.

Ansiando pela inauguração, a comunidade pressionou o início das aulas que se deu em maio de 1979 com a escola ainda em construção. A primeira aula, dada pela professora Márcia Ribeiro Pacheco, aconteceu no chão de terra do estacionamento. Segundo GETECO... (2009), as condições da escola ainda eram precárias no início do funcionamento:

Numa sala improvisada de tijolos, sem luz, sem água, só com carteiras e quadro negro, os professores foram chegando e se acomodando. Chegaram as primeiras carteiras. Os diários de classe eram emprestados do Colégio Municipal. Os outros pertences eram um relógio de parede, uma frigideira grande e um pequeno fogão a gás. A limpeza era feita com a ajuda dos alunos e seus pais, a água era fornecida por uma mãe de aluno através de uma mangueira. (GETECO, 2009)

Atendendo a turmas de 5ª série (1979) ao ensino médio profissionalizante (1982 - magistério e Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial - SENAI - com contabilidade), a aula inaugural aconteceu ainda com o prédio em construção, no estacionamento de terra da escola. Referência na região de Venda Nova, a admissão para matrícula era realizada pela aprovação em provas de seleção.

No ano de 1994, a escola ofertou atendimento aos estudantes 4ª série apenas para aquele ano letivo. No ano seguinte, ofertou novamente vagas a partir da 5ª série.

Em 1996, a organização escolar passa a ser feita em 03 ciclos (1º ciclo: estudantes do ciclo da infância; 2º ciclo: estudantes da pré-adolescência; 3º ciclo: estudantes adolescentes), assegurando ao educando a continuidade no processo ensino/aprendizagem respeitando do seu ritmo e suas experiências de vida, adequando os conteúdos e métodos aos seus estágios de desenvolvimento. Dentro desta nova organização, a escola gradativamente adéqua suas turmas.

Na metade do ano de 1998, a diretora Alaíde Neiva solicitou à regional a substituição da pista de corrida da escola pela construção de um novo prédio para

ofertar vagas desde a 1ª série do ensino fundamental. A nova escola começou a ser construída no início do ano 1999, mesmo ano que se encerrou o atendimento das turmas profissionalizantes do SENAI e magistério. Com a disponibilização das salas antes ocupadas pelo SENAI, as turmas do início do fundamental foram atendidas neste prédio até junho de 2000 quando as obras se encerraram. Pelo desmembramento da escola Geraldo Teixeira da Costa, fundou-se a Escola Municipal Padre Marzano Matias (no antigo prédio do magistério juntamente a pista de corrida) e a Regional de Venda Nova – Unidade Av. Érico Veríssimo (no antigo prédio de contabilidade).

Entre 2009 e 2011, foram implantados os Programas/Projetos: Programa Escola Integrada - PEI -, Programa Saúde na Escola - PSE -, sala de Atendimento Educacional Especializado - AEE- e Programa 2º Tempo.

Entre o início do ano letivo de 2011 e fim do ano letivo de 2014, a escola atendeu a turmas do Programa Aceleração do Estudante - PAE - ou Floração e a partir de 2015 estas turmas recebem o nome de Educação de Jovens e Adultos - EJA -.

Brasil (1988) dispõe sobre a gestão dos níveis de educação no país, deixando clara a responsabilidade do município para o ensino fundamental e o estado como gestor do ensino médio. Diante da mudança, em 2012 o movimento “Eu amo GETECO e luto por ele” foi a favor da manutenção do ensino médio na escola. Entretanto, sem sucesso nas manifestações, ela deixou de ofertar vagas a este nível escolar gradativamente, com a última turma se formando em dezembro de 2014. No mesmo ano, no mês de fevereiro, a escola passou a receber estudantes de 6º ano da Escola Estadual João Câmara.

Em 2017 a escola começa a atender estudantes do 1º ciclo, com 2 turmas de 1º ano, apenas. Estas duas turmas iniciais hoje compõem as de 3º ano. Atualmente são 6 turmas de 1º ciclo, 2 turmas de cada ano. Existe uma descontinuidade da sequência de ano escolar que salta do 3º para o 6º ano. As turmas intermediárias serão formadas gradualmente até que haja a integralidade da formação do 1º ao 3º complete.

Atualmente, a escola atende a 1238 turmas (06 turmas de 1º ciclo, 13 turmas de 2º ciclo, 25 turmas de 3º ciclo e 3 turmas de EJA)<sup>7</sup> distribuídas em 03 turnos.

### **4.3 A biblioteca escolar na Rede Municipal de Belo Horizonte**

Criado no ano de 1997 com a implantação da Escola Plural, o Programa de Bibliotecas da Rede Municipal de Educação de Belo Horizonte<sup>8</sup> - RMEBH - tinha como objetivo revitalizar as bibliotecas da rede, que apresentavam espaço físico e equipamentos inadequados, acervo insuficiente em quantitativo e pluralidade de obras e profissionais desqualificados (BARROS e PAULA, 2016).

Os primeiros bibliotecários e auxiliares de biblioteca assumiram seus respectivos cargos no mesmo ano. Em 1997 eram 22 bibliotecários, em 2001 eram 36 e em 2013 eram 43. As bibliotecas escolares com lotação do bibliotecário são denominadas bibliotecas-pólo (estas realizam empréstimos também para a comunidade). Através de visitas regulares, os bibliotecários direcionam os trabalhos de outras 3 ou 4 bibliotecas chamadas coordenadas<sup>9</sup>. O objetivo é que, em acordo com a Lei nº 12.244 de 24 de maio de 2010 que dispõe da universalização das bibliotecas, todas as escolas da RMEBH tenham bibliotecário. O edital para oferta das vagas não foi divulgado até a data desta pesquisa.

Com relação aos Assistentes Administrativos Educacionais, no ano de 2013 eram 450<sup>10</sup>. Após a reorganização destes profissionais, com a Lei nº 11.132, de 18

7 Dados SGE coletados em 28 de maio de 2019.

8 Na época de sua criação recebia o nome de Programa de Revitalização das Bibliotecas Escolares da Rede Municipal de Educação de Belo Horizonte

9 Dados coletados através de entrevista com as bibliotecárias:

Sabrina Rodrigues Sanches Brasil, atua na biblioteca escolar há 19 anos (04 como Auxiliar e 15 como Bibliotecária). Há 11 anos na biblioteca da Escola Municipal Professor Tabajara Pedroso, regional Venda Nova. Integrante do grupo de automação Gnuteca e Pergamum sendo a profissional referência na regional para o trabalho de catalogação.

Sônia Márcia Soares de Moura, bibliotecária há 17 anos na Escola Municipal Carlos Drummond de Andrade, regional Venda Nova. Atualmente atua como educadora ambiental na Secretaria Municipal do Meio Ambiente – SMMA -, sendo a idealizadora do projeto Biblioteca Verde.

10 Até setembro de 2018, a nomenclatura para este cargo era auxiliar de biblioteca escolar e auxiliar de secretaria escolar.

de setembro de 2018, atualmente os 1750 AAE são distribuídos entre os espaços da biblioteca e da secretaria de forma que haja no mínimo um assistente na biblioteca durante o horário de letivo.

No ano de 2001, foi garantida às bibliotecas uma verba própria de 10% das subvenções enviadas para as escolas, para aquisição de materiais bibliográficos e materiais especiais, Belo Horizonte (1990).

Desde 2004, as escolas recebem dois kits literários (um afro e outro diversificado) da Prefeitura para enriquecer o acervo. Com o mesmo intuito, o Ministério da Educação - MEC - através do Programa Nacional Biblioteca na Escola também envia livros literários, de referência e de formação às bibliotecas escolares (BARROS e PAULA, 2016).

O sistema de empréstimo de livros ainda é manual. Em 2007 iniciou-se o Projeto Piloto de Automação das Bibliotecas da RMEBH realizando testes para implantação do software Gnuteca. Após 4 anos de investimento no desenvolvimento do programa, a nova versão do software exigia outras atualizações dos dados já inseridos e o foi encerrado. Atualmente a Secretaria Municipal de Educação - SMED - tenta a automação das bibliotecas com software privado Pergamum. No Centro de Referência da Biblioteca Escolar dentro da Gerência de Bibliotecas na SMED, dois grupos de bibliotecários trabalham no Projeto Piloto. Um grupo fixo realiza o teste do software, realizando a catalogação dos livros e repassando para a empresa fabricante os erros para reajuste. O outro grupo realiza atividades de apoio com um bibliotecário referência em cada regional. A catalogação teve início com as obras dos kits literários por serem de memória institucional. Desde o início de 2019, os 31 bibliotecários<sup>11</sup> da RMEBH estão em formação para a segunda etapa do projeto quando o acervo de suas bibliotecas de lotação serão inseridos no programa.

#### **4.4 A Biblioteca Professora Márcia Ribeiro Pacheco**

A professora Márcia Ribeiro Pacheco (que dá nome a biblioteca) fez parte da

11 Número atualizado em 28 de agosto de 2019 pela Centro de Referência da Biblioteca Escolar

equipe que idealizou a escola e assumiu como a primeira diretora. Ressaltando a importância da leitura na formação humana e acadêmica, convidou a comunidade escolar a contribuir na formação do acervo geral através de doações. Os estudantes também realizavam doações segundo o título indicado para a turma, para a formação do acervo de coleção.

Proporcional ao crescimento do acervo a biblioteca ampliou seu espaço. Entretanto ela não era caracterizada pelo acesso aos livros que ficavam em prateleiras fora do alcance do leitor, trancados por grades, desde sua fundação até meados da década de 80. Solicitava-se o material ao profissional de biblioteca que destrancava o espaço, retirava o material e o entregava ao usuário. Alguns anos depois, as grades foram substituídas por uma divisória de MDF e vidro onde os usuários poderiam entrar em grupos de cinco com a supervisão do profissional responsável.

Da sua inauguração até dezembro de 2014, a escola ofertou vagas da 4ª série ao magistério e ensino profissionalizante. Foram 35 anos de atendimento a estudantes a partir dos 09 / 10 anos de idade. Diante deste perfil de usuário, quando os estudantes de primeiro ciclo foram contemplados na oferta de vagas, o acervo infantil quase não existia. No final de 2016 iniciou-se a revitalização da biblioteca com a aquisição de livros literários infantis, paradidáticos e de formação voltados a este novo usuário de 05 a 07 anos de idade e aos docentes. Em 2017 as estantes em MDF com altura adequada foram instaladas.

No segundo semestre de 2018, uma modificação do espaço restrito ao uso do profissional de biblioteca proporcionou nova disposição das estantes para atender a demanda de acessibilidade e reorganizar o acervo de forma a melhor atender o usuário. Tais modificações são orientadas pela bibliotecária responsável. Até o início do primeiro semestre de 2018 a bibliotecária não era lotada na escola, mas em outra denominada “pólo”. Bibliotecas como a da escola onde se realiza a pesquisa eram denominadas “coordenadas”. Após uma nova reorganização do quadro de profissionais, uma bibliotecária é encaminhada à escola oportunizando avanços na qualidade do serviço.

O espaço atual da biblioteca é de 179,25 m<sup>2</sup>. Seu acervo<sup>12</sup> é constituído de 13.419 exemplares de livros literários, paradidáticos, de referência e de formação. Destes, 748 são literatura infantil. Compõe também o acervo, 1724 periódicos, 886 mídias e 12 fantoches. O acesso ao acervo é livre, porém algumas obras têm empréstimo restrito por se tratarem de obras de referência.

Possui nove mesas circulares, quarenta cadeiras e dez pufes, um computador com acesso à rede, 12 placas de tatame (dispostas em momentos específicos do atendimento) e uma TV de 51' para os usuários.

Atualmente são 1313 estudantes matriculados<sup>13</sup> na escola e 385 inscritos na biblioteca<sup>14</sup>. Com relação aos professores e funcionários, são 125 inscrições de uma realidade de 132 profissionais.

O atendimento é diferenciado pelo ano/ciclo escolar. As turmas de primeiro ciclo (seis turmas com 25 estudantes cada) realizam visitas regulares, semanalmente para contação de história, devolução e empréstimo domiciliar e consulta interna. A criança tem liberdade para explorar o acervo infantil e decidir pelo material que deseja levar para casa. Cada aluno possui uma Pasta Mágica e uma Sacola Mágica para o transporte lúdico e seguro do livro que ele escolheu para empréstimo. A Pasta é de plástico transparente e colorido. Externamente é identificada com o nome da escola, da biblioteca e do aluno. Internamente há um convite para a família e o aluno se deliciarem na leitura, seguida de uma lista com vinte e dois campos a serem preenchidos a cada empréstimo e orientações sobre o cuidado com o livro emprestado. O objetivo do uso da lista de registro de empréstimo é acompanhar o desenvolvimento da leitura do aluno, variação de gênero, a preferência de um título pela turma e um estímulo ao compromisso com o prazo de devolução e cuidado com o material. Quando todos devolvem o livro no dia agendado a turma recebe um troféu simbólico para fixar na sala. Ao completar os vinte e dois empréstimos, cada criança recebe o Certificado de Aluno Leitor e um

12 Dados das estatísticas da biblioteca, realizadas no segundo semestre de 2018.

13 Dados do Sistema de Gestão Escolar - SGE - coletados em 08 de março de 2019.

14 Dados estatística da biblioteca coletados em 08 de março de 2019.

livro literário.

A Sacola, de americano cru, também é utilizada no transporte do livro e da pasta. O uso dela foi necessário devido ao tamanho e formato de alguns livros incompatíveis com a pasta.

Sobre as contações de histórias, existe uma parceria entre o profissional de biblioteca e o professor regente onde a história lida ou contada na biblioteca é registrada no Álbum Literário na sala de aula no horário de literatura.

As turmas de segundo e terceiro ciclo e EJA utilizam o espaço quando o professor solicita ou de acordo com a necessidade, interesse, desejo de cada aluno. Como não existe o horário regular de visitas para este grupo, são oferecidas oficinas, gincanas literárias, concursos, exposições e encontros com autor a fim de dinamizar o espaço e mantê-lo atrativo ao público jovem. Ainda assim, percebe-se uma proporção inversa quanto ao uso da biblioteca e a idade do aluno; maior a idade, menor a frequência. De acordo com os dados estatísticos da biblioteca do segundo semestre de 2018, dos 888 estudantes matriculados no segundo e terceiro ciclo estavam inscritos apenas 637 na biblioteca. Segundo informações dos profissionais, não era possível afirmar o número de inscritos que frequentavam a biblioteca, pois não há um controle de acesso nem de visitas. Este levantamento foi realizado através da contagem manual das inscrições de leitor. Ainda segundo o profissional da biblioteca, pela observação da dinâmica de utilização do espaço, é possível garantir que uma porcentagem significativa deste número de inscritos não seja assíduo. Em contrapartida, todos os 150 estudantes do 1º ciclo estão inscritos e frequentam o espaço.

Com um quadro de um bibliotecário, dois assistentes administrativos educacionais e seis professores readaptados, o espaço procura disponibilizar ações múltiplas de cultura, produção de conhecimento, mediação de leitura, formação de leitor e prazer pelo universo literário.

Imagem 1: Biblioteca Professora Márcia Ribeiro Pacheco



Fonte: Acervo Pessoal - Diário de Campo, 10 set. 2019.

## 5. REFERENCIAL TEÓRICO

### 5.1 Era uma vez... A literatura infantil

A consagrada autora de livros para crianças e jovens, Ruth Rocha começa e termina uma de suas novelas juvenis com a mesma indagação: “Pra que serve uma história? Pra divertir? Pra ensinar? Pra passar mensagem, como quem passa bilhete pros namorados?” E responde: “Nada disso, minha gente. Uma história serve pra se ler...” Diríamos mais: serve para despertar o imaginário, serve para alertar os sentidos, serve para tocar a emoção, serve para aguçar a perspicácia do leitor. (SILVA, V., 2009, p. 69)

Enquanto a literatura infantil mundial data do final do século XVII com a publicação de *Contos da Mãe Gansa* de Charles Perrault, no Brasil estas produções remontam de dois séculos posteriores, com obras de Monteiro Lobato, a partir de 1920. Até a década de 70 a literatura infantil se limitava à Monteiro Lobato, contos maravilhosos e fábulas, tratando-se de uma “[...] literatura produzida para adultos e aproveitada para crianças[...]

(CARDOSO, 1991, p.13). A colocação de Cardoso (1991) sobre o “aproveitamento da literatura adulta” é justificada, por exemplo, nas adaptações dos contos de fadas. Considerados clássicos da literatura infantil que despertam o lado imaginário fantástico e encantador, muitos deles possuem textos originais sombrios. Hueck (2016) nos apresenta algumas versões originais dos contos de fadas:

Bela Adormecida, violada no sono

Uma das versões mais antigas (e assustadoras) de A Bela Adormecida foi anotada no *Pentamerone* [ <sup>15</sup> ], do italiano Giambattista Basile, no século 17. Nela, a heroína, chamada Tália, espeta o dedo em uma farpa de linho e fica aparentemente morta, deitada num caixão. É quando aparece um príncipe que se encanta com sua beleza. Sem hesitar ele resolve estuprá-la ainda dormindo e voltar para casa em seguida. Tália então permanece desacordada – mas agora grávida de gêmeos. Quando os bebês nascem, procuram o seio da mãe para se alimentar, mas acabam sugando seu dedo sem querer, o que tira a farpa do lugar e faz com que a Bela Adormecida finalmente desperte. Tália acorda confusa, procurando o pai de seus filhos e vai até o reino vizinho encontrá-lo. Acontece que o príncipe estuprador já era casado e, quando sua esposa descobre que ele teve gêmeos com outra, resolve matar as crianças e servi-las para o príncipe comer. Felizmente, o cozinheiro encarregado do infanticídio se nega a matar os

<sup>15</sup> Publicado em 1634 na Itália, o *Pentamerone* ou o conto dos contos, escrito por Giambattista Basile, reuniu 50 contos de fadas em versões diferentes das atuais.

gêmeos e os esconde em casa. Então a rainha traída resolve se vingar de Tália e manda montar uma enorme fogueira para queimá-la viva. Tália está quase sendo jogada no fogo quando o príncipe interrompe a vingança. Ele então coloca mais um crime em sua ficha. Além de esturador, vira homicida: joga a esposa no fogo e finalmente se casa com a ex-Bela Adormecida. (HUECK, 2016)<sup>16</sup>.

A partir da década de 70, incentivados pela sociologia da leitura, os cursos de pós-graduação estimularam pesquisas relativas aos interesses na leitura infantil, histórias de leitura e outros estudos da área. As obras de Lobato, mesmo as consideradas, por alguns, como paradidáticas: *Aritmética da Emília*, *Emília no país da gramática*, *Geografia de Dona Benta* e *O Minotauro*, eram recheadas de ludismo, diversão e fantasia. Estas produções nacionais romperam com as anteriormente produzidas que se constituíam de literaturas “pedagógico-didáticas” (CARDOSO, 1991), abrindo caminho para o que ele chama de *boom* da década de 70 com obras de Lúcia Machado de Almeida, Odette de Barros Mott, Francisco Marins, e Isa Silveira Leal.

Estes autores compuseram na referida década uma coleção de obras revolucionária chamada *Vaga-Lume*. Crianças e adolescentes se deliciavam nas histórias de mistério, ficção, drama, terror e romance que tiveram início em 1973 com a publicação de *A Ilha Perdida* de Maria José Dupré e adentraram o século XXI. Há neste período uma ressignificação da literatura infantil. O mercado editorial se expande, instituem-se concursos literários, funda-se a Academia Brasileira de Letras e a literatura infantil tem sua publicação acelerada, superando a adulta e conseguindo status de Literatura Arte e não disciplina auxiliar (CARDOSO, 1991).

Aguiar (2011) esclarecem sobre a literatura como arte:

O fato torna-se problemático quando a leitura da obra literária se faz apenas sob o viés da pedagogia, isto é, torna-se pretexto para o ensino de uma disciplina curricular, privilegiando a função de instrumento para um fim alheio às propriedades singulares da criação artística[...] O uso do texto literário adquire, então, um caráter exemplar e tem sua especificidade anulada enquanto arte (AGUIAR, 2011, p.08).

Atualmente, o mercado editorial infantil oferta não apenas obras em romance mas também gêneros literários variados tal como na literatura adulta: adivinhações,

<sup>16</sup>Disponível em <<https://super.abril.com.br/especiais/o-lado-sombrio-dos-contos-de-fadas/>>. Acesso 28 mai. 2019.

parlendas, poesia, histórias em quadrinhos, livros de imagem, teatro, folclore e outros.

## 5.2 A criança, a biblioteca escolar e a leitura

Para falar sobre a formação do leitor, é preciso ver o processo em seu início, na infância, e discutir como seduzir a criança para a leitura e como orientá-la, fornecendo-lhe os meios para fazer sua própria trajetória de leitor (SILVA, V., 2009, p.25).

Brasil (1990) considera como criança a pessoa com idade até doze anos de idade incompletos. Brasil (2016) define como primeira infância o período dos primeiros 6 (seis) anos completos de vida da criança. Ponderando estas duas conceituações, devemos compreender que a criança envolvida na ação do mediador neste estudo, com idade entre 5 (cinco) e 6 (seis) anos, apesar de estar matriculada no Ensino Fundamental possui idade cronológica inserida no contexto de primeira infância (Educação Infantil). Diante disto é preciso encontrar um ponto de equilíbrio entre estas duas políticas educacionais para que a transição de um nível para outro não seja um marco de ruptura da criança com a sua relação com a literatura. Devemos entender as necessidades e condições da criança quanto ao seu desenvolvimento, respeitá-la como sujeito social e histórico que interage com o meio e oportunizar, segundo Ostetto:

[...] acesso à riqueza da produção artístico-cultural, promovendo a aproximação das crianças aos diferentes códigos estéticos, ampliando seus repertórios e vivenciais e culturais. E mais, faz-se necessário encorajá-las à experimentação, abrindo espaço para o contato, o manuseio, a exploração, a invenção, a produção com diferentes materiais (OSTETTO, 2011, p.27).

Brasil (2009) conceitua a criança como um sujeito histórico e de direito que nas interações e vivências experimenta, aprende, brinca, questiona e constrói sua própria identidade. A recém adotada Base Nacional Curricular Comum, nos apresenta a criança como o ser que observa, questiona, julga, assimila e se apropria de conhecimento através de interações físicas e sociais.

Devemos entender a criança como um sujeito que faz parte de uma organização familiar e que está inserida em uma sociedade influenciada por uma cultura em um determinado momento histórico. Desta forma, cercada de tantas variantes, compreendemos que cada criança possui uma infância diferente que deve ser respeitada.

Maria Inês Mafra Goulart, pontua:

[...] a infância, ou melhor dizendo, sobre as infâncias com as quais convivemos, porque são muitas, inseridas em contextos sociais diferenciados, pertencentes a grupos étnicos diversos, com visões de mundo também diferentes. Assim sendo, o conceito de infância remete-nos a uma categoria geracional, histórica e socialmente construída (GOULART, 2008, p.09).

Temos, aqui uma pluralidade de infâncias respeitando a individualidade de cada criança, dentro de um espaço de possibilidades culturais diversas. Como, então, relacionar criança, infância e leitura?

Além das contribuições da Goulart, também Pereira (2016) nos auxilia na compreensão da infância:

[...] não há um único modo de compreender a infância, pois o que nomeamos como 'infância' está atrelado ao modo como compreendemos a cultura, ao modo como pensamos a presença e a ação das crianças na sociedade (PEREIRA, 2016, p.48).

A Lei nº 12.244 de 24 de maio de 2010 estabelece a obrigatoriedade da existência de uma biblioteca escolar em todas as unidades públicas ou particulares de ensino até 2020.

De acordo com esta lei, a biblioteca escolar se caracteriza como “a coleção de livros, materiais videográficos e documentos registrados em qualquer suporte destinados a consulta, pesquisa, estudo ou leitura.” Acerca da composição do acervo, estabelece o mínimo de um título para cada aluno matriculado.

Segundo Haum (2009, p.06) biblioteca escolar é o “centro de grande incentivo à leitura e de apoio pedagógico, onde seu acesso ocorre através de fontes de qualidade registradas de diversos meios.”

O Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa - PNAIC - é um programa do Ministério da Educação que objetiva alfabetizar todas as crianças até oito anos de idade, apresentando como referência o Decreto nº 6.094, de 24 de abril de 2007 e a Meta 5 do Plano Nacional de Educação - PNE -. Uma de suas ações recai justamente sobre a qualidade do acervo disponibilizado, enviando através do Programa Nacional Biblioteca na Escola - PNBE - Literatura Fora da Caixa livros

literários para a educação infantil e ensino fundamental<sup>17</sup>. Ambas coleções apresentam variedade de gêneros a fim de ampliar o repertório linguístico ao qual a criança tem acesso além de representarem

[...] diferentes níveis de dificuldades, de modo a atender a crianças em variados níveis tanto de compreensão dos usos e funções da escrita quanto de aprendizagem da língua escrita, possibilitando assim formas diferentes de interação com o livro, seja pela via da leitura autônoma pela criança (de livros só de imagens ou de livros em que a imagem predomina sobre o texto, estando este reduzido a poucas palavras), seja pela leitura mediada pelo professor (BRASIL, 2014, p.13).

Pensem em leitura não apenas como o ato pragmático da decodificação do texto escrito e apreensão de sentido. Entendamos leitura no sentido completo e não apenas funcional associado a alfabetização. Paulo Freire em *A importância do ato de ler: em três artigos que se completam*, 1989, diz que “a leitura do mundo precede a leitura da palavra” explicando tal afirmação com um relato:

A velha casa, seus quartos, seu corredor, seu sótão, seu terraço – o sítio de avencas de minha mãe -, o quintal amplo em que se achava, tudo isso foi o meu primeiro mundo. Nele engatinhei, balbuciei, me pus de pé, andei, falei. Na verdade, aquele mundo especial se dava em mim como o mundo de minha atividade perceptiva por isso mesmo como o mundo de minhas primeiras leituras (FREIRE, 1989, p.9).

Lendo o mundo inicia-se a leitura literária com a criança ainda bebê. Como? Lopez (2016) diz que a leitura é nutrida por vários estímulos e fundamentalmente pela literatura, que nasce nas interações espontâneas do bebê com aqueles que o cercam através de cantigas, brincadeiras, toques, sorrisos e choros. Yolanda Reyes (2010, p.12), também discorre a respeito, chamando este de “[...] livros sem páginas que escrevemos na pele e na memória do bebê parecem responder à necessidade dele de ler com o ouvido e com o tato”.

Dentro destas concepções de leitura, Aguiar e Bordini (1993) compreendem que a formação do sujeito leitor é permanente e progressivo

17 Os livros enviados para a educação infantil através deste programa contemplam as categorias: verso - quadra, parlenda, cantiga, trava-língua, poema -, prosa - clássicos da literatura infantil, pequenas histórias, textos de tradição popular - com narrativa de palavra-chave e de imagem. Os livros enviados para o ensino fundamental contemplam as categorias: verso (poema, quadra, parlenda, cantiga, trava-língua), prosa (- pequenas histórias, novela, conto, crônica, teatro, clássicos da literatura infantil), Livros de imagens e livros de histórias em quadrinhos, clássicos da literatura universal adaptados apropriadamente.

[...] para que se assegure a continuidade do comportamento positivo em relação ao livro, é preciso que o hábito não seja apenas como um padrão rotineiro de resposta, automaticamente provocado e realizado. A busca frequente da literatura precisa surgir de uma atitude consciente, da disposição de enfrentar o desafio que o texto oferece como nova alternativa existencial (AGUIAR e BORDINI, 1993, p. 18).

Quando em contato com o objeto livro, a criança inicia a leitura através da imagem e do texto. Não sendo ainda alfabetizada reforça-se a atuação do mediador de leitura. De acordo com Yolanda Reyes, (2014),

Os mediadores de leitura são aquelas pessoas que estendem pontes entre os livros e os leitores, ou seja, que criam as condições para fazer com que seja possível que um livro e um leitor se encontrem. A experiência de encontrar os livros certos nos momentos certos da vida, esses livros que nos fascinam e que vão nos transformando em leitores paulatinamente, não tem uma rota única nem uma metodologia específica; por isto os mediadores de leitura não são fáceis de definir. No entanto, basta lembrar como descobrimos, nos primeiros anos da vida, esses livros que deixaram rastros em nossa infância e, talvez, aparecerão nítidas algumas figuras que foram nossos mediadores de leitura: esses adultos íntimos que deram vida às páginas de um livro, essas vozes que liam para nós, essas mãos e estes rostos que nos apresentavam os mundos possíveis e as emoções dos livros (REYES, 2014)<sup>18</sup>.

Sob esta perspectiva, o mediador de leitura encontra-se não somente na escola mas em qualquer ambiente onde para a relação livro e leitor seja possível atuação dele.

Lima e Freitas (2017) dizem que o momento íntimo e livre da criança com o livro é importante, entretanto, a tarefa do mediador é imprescindível na formação dela como leitora, pois, ela pode não dar importância à leitura se não tiver significado. Assim o mediador além de intermediador torna-se um modelo para a criança.

Em concordância às afirmações sobre a atuação do mediador anteriormente apresentadas, complemento fazendo uso de com Burlamaque; Martins, Araújo (2011, p.76) “os mediadores de leitura se apresentam como autores principais de intermédio entre a criança e o texto. São os mediadores que vão traçar o caminho que esta criança irá percorrer.”

Nesta relação entre mediador, livro e leitor, que Reyes (2010) define como

<sup>18</sup>Disponível em <<http://ceale.fae.ufmg.br/app/webroot/glossarioceale/verbetes/mediadores-de-leitura.>>. Acesso 04 mar. 2019.

triângulo amoroso, irrompe a experiência. Experiência, na concepção de Larossa (2002), tem relação com o que nos passa, com a forma como nos toca, nos sensibiliza, nos emociona, como nos relacionamos com algo e somos transformados por ele. A leitura nos proporciona diversas oportunidades de experiência que podem ser positivas ou negativas conforme a relação entre leitor e livro.

No sentido de possibilitar vivências, experiências, o mediador utiliza-se de estratégias de leitura que nada mais são do que ferramentas, caminhos, alternativas e métodos para realizar a conexão da criança com o livro (CANTALICE, 2004).

Lalande (1999) define estratégia como

[...]um conjunto coerente de decisões que um agente assume responsabilidades se propõe tomar em face das diversas eventualidades que se será levado a encarar, tanto por causa das circunstâncias exteriores, como em virtude de hipóteses que incidem sobre o comportamento de outros agentes interessados em tais decisões (LALANDE, 1999, p.1259).

As estratégias podem acontecer antes, durante e após a leitura. A preparação do ambiente, o enredo para a descoberta do livro que será lido, o reconhecimento do título, do autor, do tema, a entonação do leitor, sua postura, os sons, os objetos utilizados, os diálogos após a leitura... tudo isto é estratégia!

Existe um leque de possibilidades de estratégias na ação mediadora do profissional de biblioteca para leitura com crianças na primeira infância. Cabe ao profissional conhecer tanto o acervo que está gerenciando quanto a criança com a qual media a leitura para elaborar de maneira assertiva os percursos que possibilitarão a conexão da criança com a leitura literária e construção crítica e independente do sujeito leitor.

## 6. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

A presente investigação trata-se de um estudo qualitativo. Para melhor análise dos dados coletados agreguei também elementos quantitativos referentes ao perfil dos estudantes matriculados no 1º ano do Ensino Fundamental com idade concernentes à primeira infância; a identificação das unidades escolares de origem destes estudantes para apontar a proporção número de escolas X disponibilidade de biblioteca e levantamento de dados do acervo e dos usuários da biblioteca da Escola Municipal Geraldo Teixeira da Costa.

A investigação qualitativa se apoia em Flick (2009):

A pesquisa qualitativa não se baseia em um conceito teórico e metodológico unificado. Diversas abordagens teóricas e seus métodos caracterizam as discussões e a prática da pesquisa (FLICK, 2009, p.25).

Diante disto, realizou-se também uma pesquisa documental utilizando os Portfólios de Atividades da Biblioteca com o propósito de conhecer as atividades desenvolvidas antes da implementação da Lei nº 11.132 e do Decreto nº 17.005, de confrontar com a atual proposta de mediação para perceber se houve impacto da legislação atividades de mediação; entrevista com os profissionais da biblioteca com a finalidade de traçar o perfil profissional da atuação no espaço e observação das visitas das turmas de primeiro ano do primeiro ciclo de formação humana, no intuito de acompanhar a dinâmica das atividades realizadas.

Quanto ao campo da pesquisa, o estudo foi realizado, conforme descrito na contextualização, na Escola Municipal Geraldo Teixeira da Costa pertencente a Rede Municipal de Ensino de Belo Horizonte - Minas Gerais.

Com relação aos sujeitos do estudo focalizei seis profissionais de biblioteca que atuam com os estudantes do primeiro ano do primeiro ciclo. A amostra foi predominante feminina com idade entre 40 e 51 anos. A respeito dos dados referentes ao perfil, foi possível identificar além da faixa etária, o nível de escolaridade e o tempo de atuação na biblioteca escolar, conforme dados abaixo:

Quadro 1: Perfil dos profissionais da Biblioteca: profissão, formação e tempo de atuação

	Cargo			Formação Acadêmica			Tempo de atuação na biblioteca		
	AAE	Bibliotecário	Prof. Readap-tado	Ens. Médio	Superior	Área da Graduação	Tempo Total	Educação Infantil	Ens. Fundamen-tal
A		X			X	Bibliotecário	5 anos	-	2 anos
B			X		X	Letras e Psicologia	5 anos	-	5 anos
C			X		X	Inglês	8 meses	-	8 meses
D			X		X	História	5 anos	-	2 anos
E	X				X	Serviço Social	2 meses	-	2 meses
F			X		X	Letras	8 anos	-	8 anos

Fonte: Do autor, 2019.

No tocante as etapas referentes ao percurso metodológico, segue abaixo um detalhamento do plano de ação desenvolvido.

O plano de ação desta pesquisa tratou-se de um plano de ação que priorizou possibilidades de mediação de leitura para profissionais que desejam atuar em espaços como a Biblioteca Escolar.

Para tanto, foi necessário organizar o processo em 5 etapas, a saber:

- Pesquisa Documental 1 junto à Secretaria da Escola com base nos dados do SGE para conhecer os estudantes do 1º ano do 1º ciclo e suas unidades escolares de origem.
- Pesquisa Documental 2 utilizando os Portfólios da Biblioteca para conhecer as atividades desenvolvidas desde a implantação do 1º ciclo na escola.
- Pesquisa Documental 3 junto às planilhas utilizadas na biblioteca para levantamento de dados do acervo e de usuários.

- Entrevista Individual, semiestruturada para conhecer o perfil as profissionais de biblioteca que atendem aos estudantes do 1º ano do 1º ciclo, além das concepções de leitura na primeira infância e as formas que esses profissionais encontraram para atuar com a mediação de leitura.
- Observação das visitas regulares à biblioteca realizadas pelas turmas do 1º ano do 1º ciclo, com o objetivo de acompanhar a dinâmica das atividades propostas.

Segue abaixo, o cronograma proposto e realizado durante o processo de desenvolvimento do estudo.

Quadro 2: Cronograma do processo de desenvolvimento do estudo

<b>Etapa</b>	<b>Ação</b>	<b>Período</b>	<b>Local</b>	<b>Pessoas envolvidas</b>
1: Pesquisa documental	Levantamento das escolas provenientes dos estudantes do 1º ano do 1º ciclo.	01 e 08 de março	Secretaria	Secretário escolar Assistente administrativo educacional
1: Pesquisa documental	Levantamento de dados do acervo e de usuários	01 e 08 de março	Biblioteca	Não se aplica
1: Pesquisa documental	Análise do Portfólio de Atividades da Biblioteca.	11 a 15 de março	Biblioteca	Não se aplica
2: Entrevista individual	Entrevista com Profissionais de biblioteca.	18 a 22 de março	Biblioteca	Bibliotecário
3: Observação	Acompanhamento das visitas semanais das turmas de 1º ano de 1º ciclo, na biblioteca.	25 de março a 09 de abril	Biblioteca	Mediadores de leitura e estudantes
4: Análise do material levantado e observado	Análise do material levantado na secretaria e portfólio; Transcrição das entrevistas;  Análise dos registros de observação;  Confronto do material recolhido;  Elaboração do plano de ação.	10 de abril a 19 de maio	Domicílio	Não se aplica

5: Plano de ação	Aplicação do plano de ação.	20 de maio a 04 de junho	Biblioteca	Estudantes do 1º ano do 1º ciclo
------------------	-----------------------------	--------------------------	------------	----------------------------------

Fonte: Do autor, 2019.

## 7. ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS

### 7.1 Os estudantes do 1º ano do Ensino Fundamental

Acompanhando a orientação da Resolução nº 02 de 09 de outubro de 2018 do MEC, a Secretaria Municipal de Educação de Belo Horizonte passa a considerar o corte etário para ingresso no ensino fundamental de crianças com 06 anos completos até 31 de março de 2019<sup>19</sup>. No entanto, para a garantia do direito da criança da continuidade de seu percurso educacional, a necessidade das famílias se organizarem para a matrícula e outras demandas, Brasil (2018) estabelece:

Para as crianças que, em 2018, já se encontram matriculadas e frequentando a creche ou a pré-escola (subetapas da educação infantil) em instituições educacionais, excepcionalmente em 2019, será assegurado o direito à progressão sem interrupção, mesmo que sua data de nascimento seja posterior ao dia 31 de março (BRASIL, 2018. Art.7).

Na unidade escolar onde se realiza a pesquisa, através de levantamento pelo Sistema de Gestão Escolar - SGE -, constatou-se que dos 47 estudantes matriculados no 1º ano do 1º ciclo do ensino fundamental, 19 crianças iniciaram o ano letivo com 5 anos, completando 6 anos até 30 de junho de 2019.

Sobre estas, busquei informações a respeito das unidades escolares de origem no SGE e nas Fichas de Matrícula. Identifiquei que 36 destes estudantes frequentavam a RMEBH no ano anterior e sobre estes recolhi informações a respeito da escola que frequentaram. Entretanto, sobre os demais 11 estudantes, não foi possível identificar a unidade escolar de origem pois, como não eram vinculados à rede pública municipal não possuíam dados no SGE. A secretaria da escola onde a pesquisa se constituiu não exige a apresentação da declaração de transferência, boletim ou histórico escolar para a matrícula no 1º ano do ensino fundamental. Além disto, esta unidade não adota a prática de preenchimento das fichas de Anamese.

Dentre os 36 estudantes cuja unidade escolar anterior foi identificada, busquei

19 Resolução CME/BH nº 001/2018. Estabelece diretrizes operacionais complementares para a matrícula inicial de crianças nas instituições de educação infantil do sistema municipal de ensino de Belo Horizonte (SMED/BH) e no ensino fundamental da rede pública municipal. Belo Horizonte, MG, 2018.

informações sobre a disponibilização do espaço da biblioteca através de contato telefônico com cada uma delas. Os dados encontrados foram organizados de acordo com o quadro:

Quadro 3: Características da unidade escolar frequentada anteriormente pelos estudantes matriculados no 1º ano do 1º ciclo.

Unidade Escolar de Origem / Cidade <sup>1</sup>	Nº de estudantes		Possui biblioteca <sup>2</sup>	
	1	Pública	Particular	
Centro Educacional Getsemani / Belo Horizonte	1		X	
Centro Educacional Nossa Vitória / Belo Horizonte	1		X	
E. M. de Educação Infantil Vereador Antônio Menezes / Belo Horizonte	7	X		X
E. M. Geraldo Teixeira da Costa / Belo Horizonte	1	X		X
E. M. Maria Cecília de Araújo Vale / Vespasiano	1	X		
E. M. Maria Clara Machado / Ribeirão das Neves	1	X		
E. M. Professor Tabajara Pedroso / Belo Horizonte	3	X		X
E. M. Santa Catarina Labouré / Juiz de Fora	1	X		
EMEI Céu Azul / Belo Horizonte	1	X		
EMEI Itamarati / Belo Horizonte	1	X		
EMEI Piratininga / Belo Horizonte	3	X		
EMEI Santa Amélia / Belo Horizonte	1	X		
EMEI Santa Branca / Belo Horizonte	7	X		X
EMEI São João Batista / Belo Horizonte	3	X		
EMEI Venda Nova / Belo Horizonte	2	X		
EMEI Vila Apolônia / Belo Horizonte	2	X		

<sup>1</sup> Dados coletados através da Ficha de Matrícula e Sistema de Gestão Escolar – SGE – em 07 de março de 2019.

Fonte: Do autor, 2019.

Conforme identificado no quadro, os estudantes são predominantemente advindos de escolas públicas e as 4 unidades que dispõem de biblioteca são da rede pública de ensino. Durante o contato com as escolas, além da informação da existência da biblioteca, nas que não possuíam, busquei detalhes sobre como estas unidades organizavam os espaços que acolhiam o acervo; ao que me foi apontado:

- 07 escolas organizaram o Cantinho da Leitura no fundo da sala de aula;
- 02 organizaram os livros em uma estante no final do corredor;
- 03 armazenavam os livros em caixas ou armários fora do alcance das crianças;

A alternativa encontrada por 8 destas 11 escolas que não possuem biblioteca vão de encontro às colocações de Paiva

[...] não importa se eles estão nos corredores, em prateleiras, estantes ou cantinhos de leitura [...] quando o ideal não faz parte da realidade da escola, não podemos cruzar os braços e simplesmente negligenciar o acesso aos livros pelas crianças (PAIVA 2016, p.42-43).

O mais importante é que os livros cumpram seu objetivo de chegar ao seu destino; o leitor. Nesta situação, pela ausência do profissional de biblioteca, será o professor o promotor e mediador da leitura.

## **7.2 Portfólio de atividades e perfil dos profissionais**

[...] o acesso à leitura enquanto objeto cultural dá-se mediado pelo outro, especialmente pelo professor que, como parceiro mais experiente, medeia a relação da criança com o texto, contribuindo para que ela produza sentidos para o lido / ouvido e para a própria experiência da leitura (SOUZA; SCHEFFER; SOUZA, 2018, p.15).

Desde o ano de 2017, as funcionárias produzem o Portfólio de Atividades da Biblioteca e através dele, identifiquei as seguintes atividades onde ocorreram mediações da leitura com os estudantes de primeiro ciclo:

- Recebendo com leitura: atividade diária nos anos de 2017 e 2018 no período em que os estudantes aguardam a chegada do professor antes do início do horário de aula (12:40 às 13:00), disponibilizando revistas e livros para leitura pessoal ou orientada pela AAE.
- Visita à biblioteca: atividade semanal quando o aluno explora o acervo para realizar a leitura interna e o empréstimo domiciliar.
- Contação de história: atividade semanal desde o segundo semestre de 2017 com leitura de obras do acervo da biblioteca.
- Álbum literário: atividade semanal desde o segundo semestre de 2017, realizada em sala de aula com a professora para explorar a história contada na biblioteca pela AAE.
- Contando e Encantando Histórias (Dramatização de livros para os estudantes): atividade mensal nos anos de 2017 e 2018 com dramatização de livros pelas funcionárias da biblioteca para os estudantes.
- Dramatização de histórias pelos estudantes: atividade eventual quando os próprios estudantes dramatizam, com auxílio do AAE e professor, histórias para os colegas ou famílias.
- Oficinas literárias: atividade eventual com oficinas de confecção de objetos, livro artesanal ou materiais para exposição a partir de histórias contadas na biblioteca.
- Exposições literárias: atividade eventual para exposição de livros relacionados ao de datas comemorativas.

A leitura ou contação de histórias para crianças é uma prática bastante comum e de demasiada importância quando falamos em mediação literária. Segundo Silva; et.al

A contação de histórias pode provocar uma espécie de “efeito dominó”, fazendo uma sucessão de novos contadores e de novas histórias. Assim, o

público que ouviu uma história, tende a repassá-la, a seu modo, para outros públicos. [...] Cria-se uma teia de significações e metamorfoses, que propicia, sobretudo, a expansão da relação das pessoas com a ficcionalidade, o que gera identificações, catarses, desenvolvimento de reflexões e novas linguagens (SILVA; et.al, 2007, p.125).

Diante disto, dediquei-me a explorar no portfólio e em diálogos com as funcionárias sobre esta atividade.

*Imagem 2: Contação de histórias*

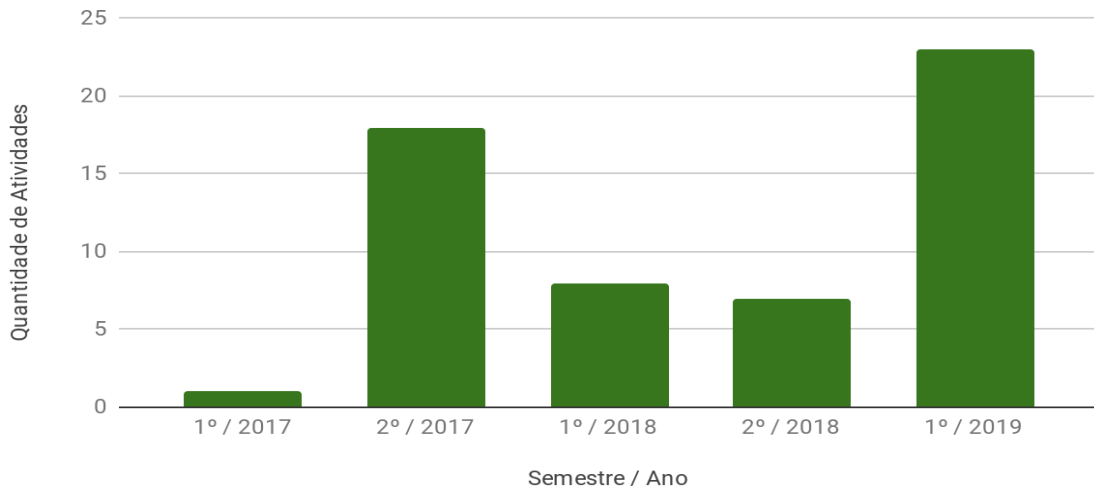


Fonte: Acervo da Escola Municipal Geraldo Teixeira da Costa - Portfólio de atividades da Biblioteca Prof.<sup>a</sup> Márcia Ribeiro Pacheco, ago. de 2017.

No tocante ao quantitativo de momentos de contação de histórias realizados pelos profissionais da Biblioteca no triênio (2017/2019), temos:

Tabela 1: Quantitativo de contações de história por turma de 1º ano do 1º ciclo

### Contação de histórias na biblioteca por turma de 1º ano do 1º ciclo



Fonte: Do autor, 2019

No ano de 2017, segundo relato de um dos profissionais, no primeiro semestre a biblioteca atendeu precariamente, aos estudantes do primeiro ciclo, pois o acervo ainda estava em formação, as estantes apropriadas não haviam sido instaladas e os livros eram guardados em caixas e disponibilizados sobre as mesas (que não eram ergonômicas) nos horários de visitas. Outro fator que interferiu na qualidade do atendimento à eles foi a inexperiência dos profissionais de biblioteca com este público. Desta forma, apenas 2 contações de histórias aconteceram na forma de teatro das funcionárias para eles. Para o segundo semestre de 2017, refletindo sobre as demandas de se montar as dramatizações, as funcionárias optaram pela leitura de livros do acervo nas visitas semanais e de dramatizações esporádicas.

Imagem 3: Disponibilização do acervo infantil nas mesas pela ausência das estantes apropriadas



Fonte: Acervo da Escola Municipal Geraldo Teixeira da Costa - Portfólio de Atividades da Biblioteca Profª Márcia Ribeiro Pacheco, 2017.

Imagem 4: Estantes ergonômicas instaladas no segundo semestre de 2017.



Fonte: Acervo Pessoal - Diário de Campo, 06 de set. de 2019.

Em 2018, percebe-se um acentuado declive no número de contações de história que se deve não a diminuição desta atividade, mas ao número de turmas atendidas que foi reduzido pela metade, comparando com o ano anterior, passando de 2 para 1 turma.

Para 2019 a expectativa era de ampliar as atividades de mediação para as 2 turmas de 1º ano matriculadas, entretanto, segundo uma das funcionárias entrevistadas, às implicações das mudanças do cargo de Auxiliar de Biblioteca para Assistente Administrativo Educacional afetaram o planejamento. Pelas informações dos portfólios a maioria das atividades realizadas com estes estudantes foram intermediadas pelos AAE. Com o desvinculamento deles como articuladores de leitura, serão o bibliotecário e os professores readaptados a assumir as atividades de mediação. Entretanto, a bibliotecária desta unidade educacional está afastada, em licença médica desde fevereiro 2019 sem previsão para retorno e os professores em readaptação tem limitações resguardadas por laudo médico sobre envolvimento com os estudantes. Desta forma, na ausência da bibliotecária e da impossibilidade laboral dos professores readaptados assumirem as atividades, até o final do primeiro semestre os estudantes contaram com a disposição favorável dos AAEs, porém em contraposição à legislação vigente, para as mediações junto ao professor regente.

No segundo semestre de 2019, as mediações de leitura com os estudantes ocorreram apenas com o professor regente. Cabe destacar que a situação de alteração do quadro de pessoal gera grande impacto para as visitas orientadas das turmas. A dinâmica da visita foi alterada, uma vez que anteriormente, contava-se com a disponibilidade de 2 AAEs para o atendimento no local em parceria com o professor regente. Assim as 25 crianças de cada turma que até julho de 2019 dispunham de 3 adultos para atuar na mediação da leitura e relacionamento com o objeto livro, desde de agosto possuem apenas um.

Este quadro remete a uma realidade descrita por Souza; Scheffer e Souza, 2018, p.15: “Um dos desafios que se coloca na formação de leitores literários contemporâneos, nas instituições educacionais, passa pela constituição dos espaços e pela distribuição dos tempos de leitura[...]” pois o espaço da biblioteca não é constituído apenas pelo mobiliário e acervo mas também pelos profissionais e a forma como eles atuam.

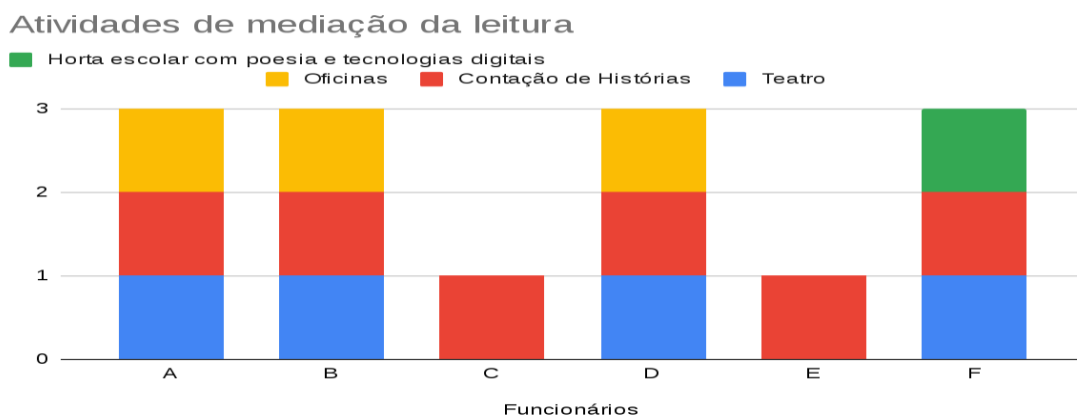
No que se refere ao perfil dos profissionais, identifiquei neste estudo a existência 08 funcionários na biblioteca, entretanto, que atuam com o 1º ciclo temos apenas 07 profissionais: 01 bibliotecária, 02 assistentes administrativos e 04

professoras em readaptação funcional.

Todos os profissionais da biblioteca que atuam com os estudantes do 1º ciclo participaram das entrevistas. Através dela, verificou-se que todos possuem ensino superior - mesmo não sendo uma exigência para o cargo de AAE- na área de humanas: biblioteconomia, história, inglês, letras, psicologia e serviço social. O único profissional com formação específica para biblioteca é o próprio bibliotecário. Não sendo uma exigência para os demais cargos esta formação em biblioteca, a Gerência de Bibliotecas - GERBI - oferece oficinas, cursos e palestras sobre mediação da leitura, muitos deles em parceria com a Secretaria Municipal de Cultura. A participação não é obrigatória, entretanto incide pontualmente nas atividades desenvolvidas no espaço da biblioteca, uma vez que a formação continuada aperfeiçoa o profissional para que ele renove seus conhecimentos e especialize-se em áreas de maior interesse ou necessidade do público. Quando, na entrevista, questionados sobre a participação em capacitações sobre mediação, apenas duas das seis funcionárias responderam afirmativamente. A respeito das competências necessárias para ser um mediador de leitura, apontaram: gosto pela leitura (40%), pré-disposição para mediar (33,3%) e habilidade com crianças (26,7%).

As entrevistadas relataram participar de atividades de mediação da leitura na biblioteca, conforme visualizamos no gráfico<sup>20</sup>:

Quadro 4: Atividades de mediação da leitura



Fonte: Do autor, 2019

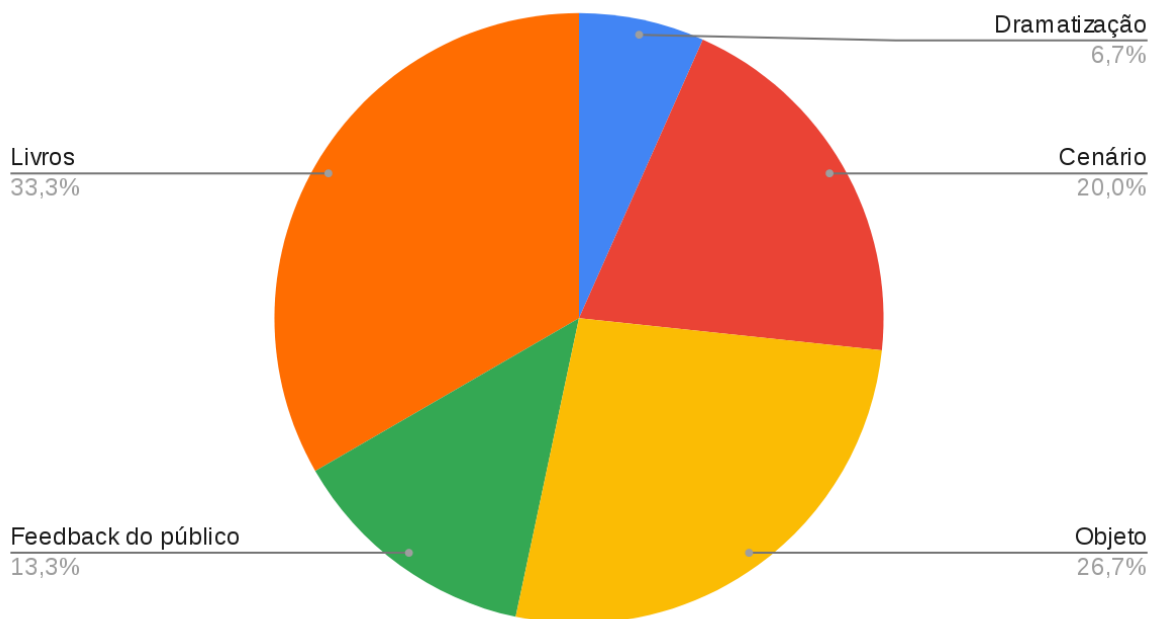
<sup>20</sup> As funcionárias que participam ou participaram apenas de uma atividade de mediação são as que estão a menos tempo em exercício na biblioteca.

Me deparo, neste momento, com uma contradição de relatos pois, todas disseram participar de mediações de leitura na biblioteca entretanto, durante a entrevista, quando indagadas sobre a frequência e espaços em que leem para crianças, três funcionárias responderam realizar a leitura somente fora do ambiente escolar e outra relatou não ler para crianças.

O acervo infantil desta unidade escolar dispõe de 529 títulos e 810 exemplares. Os critérios para escolha do repertório de leitura para as crianças varia entre as funcionárias, sendo citados: a qualidade textual, o tema, o gênero, as histórias da própria infância e as com lição de moral. Paiva, 2016, p. 25-38, apresenta as qualidades textual e temática como critérios apontados pelo PNBE para seleção do acervo distribuído às escolas. O terceiro critério do PNBE, que não foi identificado pelos profissionais da biblioteca foi a qualidade gráfica.

Quanto as estratégias, durante as atividades de mediação, os profissionais relataram fazer uso de recursos diversos como ferramentas auxiliares, com destaque para o uso do próprio objeto livro como item principal.

Tabela 2: Estratégias de mediação e frequência de utilização



Fonte: Do autor, 2019

Reyes (2010, p.14-16), diz sobre a leitura para crianças:

[...] seja evidente que o contato precoce com a literatura repercute na qualidade da alfabetização. No entanto, há outra tarefa aparentemente mais simples e, ao mesmo tempo, muito mais complexa que nós, adultos, podemos assumir: a de oferecer o material simbólico inicial para que cada criança comece a descobrir não apenas quem ela é, mas também quem quer e pode ser. [...] garantir em igualdade de condições o direito a todo ser humano de ser o sujeito da linguagem: de se transformar e transformar o mundo e de exercer as possibilidades proporcionadas pelo pensamento, a criatividade e a imaginação (REYES,2010, p.14-16).

De encontro ao posicionamento de Reyes, estão os apontamentos dos profissionais entrevistados sobre a importância da leitura na infância: desenvolvimento do hábito da leitura (38,5%), facilitador da alfabetização 30,8%, desenvolvimento pessoal (23,1%) e formação do imaginário infantil (7,7%).

Segundo as funcionárias existe uma diferença na mediação da leitura que acontece dentro da biblioteca e dentro da sala de aula, sendo que no primeiro espaço consideram que ela seja mais efetiva. Apenas um funcionário mencionou haver uma complementação da mediação de um espaço para o outro.

Conhecer o profissional, objeto da ação deste estudo é de suma importância para direcionar o olhar quanto da compreensão e avaliação dos métodos utilizados ou propostos. A realidade desta biblioteca é de um quadro de profissionais escassos em instruções relativas à formação do leitor e mediação da leitura. Pela ausência de referências e orientações, o que percebemos é um intenso comprometimento, um desejo, com a tarefa de formar leitores.

### **7.3 Período de Observação**

Atualmente a biblioteca recebe diariamente as turmas de Ensino Fundamental I. Com relação às duas turmas de 1º ano do primeiro ciclo, são atendidas no primeiro horário de aula da segunda a sexta-feira. A rotina do atendimento é:

- 1 - Acolhida das crianças
- 2 - Devolução dos livros e cobrança dos atrasos
- 3 - Chamada
- 4 - Contação de histórias

## 5 - Empréstimos

### 6 - Momento livre para leitura

O horário chegada das turmas na biblioteca é agendado para às 13h. Entretanto algumas professoras optam por ir primeiro à sala de aula para as crianças guardarem as mochilas e depois seguem para a biblioteca. Esta dinâmica gera um atraso de 10 minutos em uma turma e 30 minutos na outra. A turma que atrasa meia hora tem seu atendimento prejudicado devido ao período reduzido que permanece na biblioteca. Segundo relato das funcionárias, elas levam cerca de 20 minutos para receber a turma, fazer a chamada e contar a história. Sendo a aula de 60 minutos e a turma atrasando 30, o tempo restante é quase todo consumido pelas três primeiras atividades prejudicando o tempo que os estudantes teriam para escolher o livro que irão levar para casa e realizar a leitura interna na biblioteca. A alternativa para possibilitar mais tempo para as atividades de empréstimo e leitura foi a subtração da chamada e a escolha de histórias mais curtas para contação nos dias em que a turma atrasa mais do que 20 minutos.

Imagem 5: Estudantes com a Pasta utilizada para realizar o empréstimo.

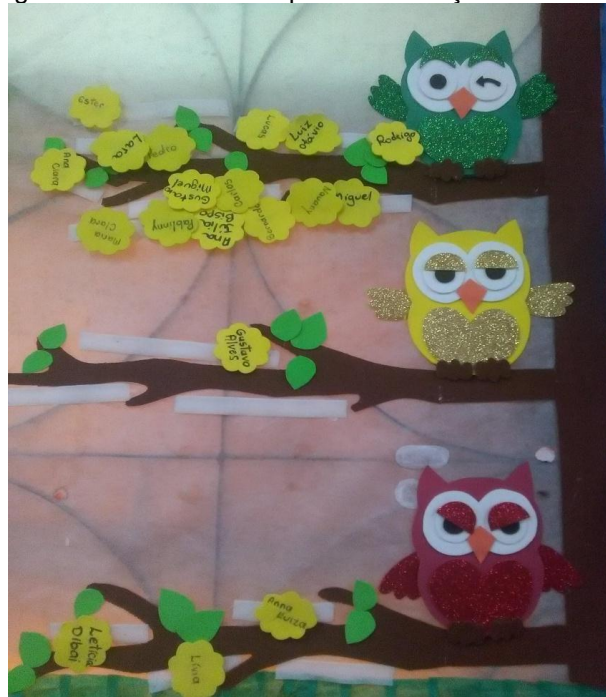


Fonte: Acervo Pessoal - Diário de Campo, 06 de setembro de 2019.

No momento da entrada, as crianças deixam sobre o balcão as Sacolas com as Pastas e livros para devolução e se sentam no tatame e pufs para aguardar a Chamada e a Contação de Histórias.

A intencionalidade da Chamada não é identificar quais estudantes estão presentes, mas quais estudantes trouxeram o livro para devolução. Existe um painel com três corujas em uma árvore e os nomes dos estudantes estão escritos em flores reunidos em envelopes separados por turma. O profissional da biblioteca retira do envelope o nome da criança e pergunta se ela trouxe a Sacola com a Pasta Mágica e o livro. Se ela responder afirmativamente, seu nome é colocado na coruja verde. Se responder negativamente, a funcionária realiza outra pergunta quanto a ela ser reincidente ou não no atraso da devolução. As crianças que esqueceram o livro por mais de uma vez tem o nome afixado na coruja vermelha, assim como o nome da criança que não respeita às normas da biblioteca.

Imagem 6: Painel utilizado para a realização da Chamada



Fonte: Acervo Pessoal - Diário de Campo, 06 de setembro de 2019.

Quanto à contação de histórias, dentro da variedade de obras utilizadas pelas funcionárias, sobressai o uso frequente de livros de ficção e a inutilização dos livros de imagem.

A seguir, a descrição de um cena observada no momento de devolução dos livros com diálogo entre a profissional de biblioteca (AAE) e um aluno (A) de 5 /

6anos:

**A:** *Este livro está errado!*

**AAE:** *Errado? Por que errado? – perguntou, confusa, a AAE.*

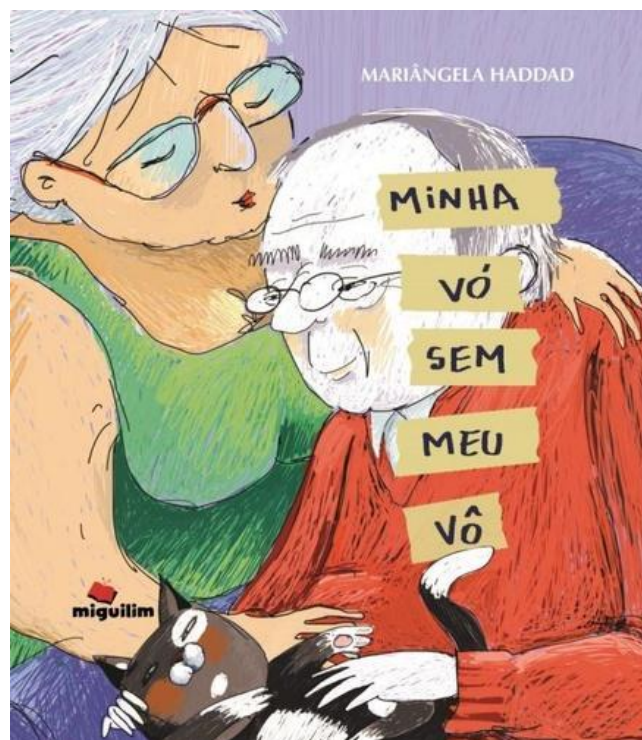
**A:** *Ele não tem letra só desenho!*

**AAE:** *Ah... – a AAE suspirou.*

**A2:** *Ele não está errado! É o livro mais legal porque você pode inventar a história dele! Olha só! Era uma vez uma vovó e um vovô...*

**A:** *É, acho que dá pra ler. (Diário de campo, 02 abr. 2019)*

Imagem 7: Livro considerado “errado” pela criança observada.



Fonte: Disponível em <<http://editoramiguilim.com/produto/minha-vo-sem-meu-vo-2/>> Acesso 06 set. 2019.

A expressão do aluno que devolveu o “livro errado” era de profunda decepção. Quando o outro aluno explicou sobre ser possível a leitura de um livro de imagens, ele observou ainda incrédulo e apenas se satisfez quanto a esta possibilidade quanto o colega realizou a leitura de um livro sem texto.

Após observar a cena, junto à AAE, levantamos hipóteses sobre o que parecia ser o primeiro contato da criança com um livro de imagens: o acesso que ela teve aos livros foi em um acervo restrito? A escola anterior possuía acervo de

qualidade e variedade? Ela tinha a oportunidade de escolher que gostaria de ler? Quais critérios o mediador da leitura utilizou para selecionar as obras? Estas foram algumas das indagações produzidas, longe de termos respostas fechadas, tais questões nos desafiam a refletir sobre nossas práticas e buscar intervenções consistentes que contribuam com os processos de formação do leitor infantil.

Ainda a respeito do momento das contações de história, pela ausência da bibliotecária que estava de licença médica, somente as Assistentes realizam a leitura. Os professores em readaptação executam as devoluções dos livros e preparam as pastas para o empréstimo que acontecem após leitura da história.

Durante as contações observa-se a utilização apenas do objeto livro e não da variedade de ferramentas relatadas pelos profissionais durante a entrevista. Foram seis dias de observação na biblioteca, três com cada turma no período de 25 de março à 09 de abril e nenhuma atividade com utilização de outro instrumento foi realizada.

Após as contações, a funcionária sempre relembra as normas para escolha do livro para empréstimo e leitura livre:

**AAE:** Lembrando que: quantos livros pode pegar por vez?

**Estudantes:** Um!

**AAE:** Um! Muito bem! Quando não quer mais o livro, onde a gente guarda?

**Estudantes:** Na caixa preta!

**AAE:** Na caixa preta, muito bem! Agora, com calma vocês podem escolher o livro que vão levar para casa e sentar para esperar chamar pelo nome para colocar na pastinha. (Diário de Campo, 01 abr. 2019)

Imagem 8: Momento da leitura livre



Fonte: Acervo da Escola Municipal Geraldo Teixeira da Costa - Portfólio de Atividades da Biblioteca Prof.<sup>a</sup> Márcia Ribeiro Pacheco, 2018.

Quanto aos empréstimos, as crianças tem liberdade para escolher, dentro do acervo infantil, o que deseja levar para leitura em casa. Segundo uma das profissionais, no início deste ano letivo houve, por solicitação das famílias e apoio da coordenação, uma seleção das obras que atendem especificamente aos estudantes do primeiro ano. Segundo ela, os pais fizeram objeções quanto ao texto ser extenso ou com conteúdo impróprio em alguns livros. Com relação a censura, segundo a funcionária, o livro *Mamãe Nunca Me Contou* de Babette Cole é recorrentemente apontado como inapropriado pelas famílias, entretanto, permanece no acervo por orientação da bibliotecária que aponta não haver classificação indicativa na obra.

A respeito da pré-seleção das obras a serem disponibilizadas, uma funcionária relata:

**Funcionária 1:** *É uma violação ao direito da criança como leitora em escolher o que deseja ler. As obras já são pré-selecionadas para que de fato estejam dentro da idade ao qual aquele acervo se destina. Não tem motivo para separar de novo o que ela vai poder ler. Se o acervo é infantil a criança pode escolher o que ler! É direito dela como leitora! (...) Mas não adiantou, a coordenadora mandou escolher livros de textos canônicos, com histórias de contos de fadas e blá, blá, blá... não adiantou me colocar contra esta decisão. E como estávamos sem bibliotecária na época para apoiar minha decisão, tive que fazer como ela e os pais queriam” (Diário de campo, 08 abr. 2019.*

Sobre os empréstimos, cada criança possui uma pasta para conservação do livro e registro do histórico de empréstimos. Após 22 empréstimos, quando a lista da pasta é completada, a criança recebe um certificado de Aluno Leitor e um livro de presente. Este incentivo foi adotado para estimular a devolução dos livros nas datas agendadas uma vez que, segundo as funcionárias o número de atrasos era alto.

Todos os dados levantados e anotações realizadas durante o período de observação são de suma importância para a formulação de um plano de ação que possibilite às funcionárias da biblioteca uma abertura à novas oportunidades da prática mediadora.

#### **7.4 Plano de ação**

A face do observado, a proposta de ação foi elaborada utilizando meios não explorados pelas funcionárias durante o período de observação ou nos portfólios de atividades, elencando:

- Uso de novas tecnologias;
- Exploração de livros de imagem;
- Interatividade com a obra;
- Produção dos estudantes.

Quanto à seleção das obras para a proposta de ação, todas elas foram previamente analisadas considerando a qualidade textual, estética, variedade de gênero. Um fator importante para a seleção da obra foi a sua inclusão na lista dos livros pertencentes ao Kit Literário da PBH entregue aos estudantes do primeiro ano da Educação Infantil até o último ano do Ensino Fundamental. O uso dos livros pertencentes ao Kit Escolar reforça a qualidade das obras distribuídas como sugestão de aproveitamento para atividades de mediação da leitura.

#### **7.4.1 Uso de novas tecnologias: Cadê o juízo do menino?**

No fim da noite, cansado  
depois de tanta procura,  
o menino achou seu juízo  
num livro de aventura.

(FREITAS, 2009, p.19)

Informações e critérios para a seleção da obra:

- FREITAS, Tino. Cadê o juízo do menino?. Rio de Janeiro: Manati, 2009.
- Pertencente ao acervo literário disponibilizado aos estudantes do Primeiro Ciclo da RMEBH no ano de 2016.<sup>21</sup>
- Poesia.
- Autor Nacional.
- Interpretação em áudio, gravada pelo autor.
- Interatividade com o leitor.

A primeira atividade realizada consistiu na leitura da obra com as páginas abertas direcionadas aos estudantes a fim de que eles acompanhassem a leitura oral juntamente com a visual das ilustrações.

Dando continuidade à leitura, os estudantes assistiram ao vídeo com a interpretação em forma de música, gravado pelo próprio autor. Este momento foi bastante interessante pois o vídeo apresenta algumas imagens das páginas do livro e as crianças puderam concluir a tarefa deixada nas últimas páginas da história:

Agora, pequeno leitor,  
releia o livro sem pressa.

<sup>21</sup> Lista de divulgação das obras do Kit Escolar 2016 disponível em <<http://portal6.pbh.gov.br/dom/iniciaEdicao.do?method=DetalheArtigo&pk=1148475>>. Acesso em 16 de setembro de 2019.

Assim que a história termina  
a brincadeira recomeça.  
Procure nestas páginas  
algum tipo de parafuso,  
juízo de todo jeito  
pra ninguém ficar confuso.  
(FREITAS, 2009, p.20)

Imagem 9: Crianças assistindo ao vídeo da música Cadê o Juízo do Menino?



Fonte: Acervo Pessoal - Diário de campo, 20 mai. 2019.

Durante a exibição do vídeo a turma ficou dividida entre se envolver com a letra da música cantando o refrão e tentando encontrar os parafusos escondidos nas imagens.

No segundo momento desta atividade, cada aluno foi convidado a contar algum momento de sua vida em que se identificou com a passagem:

Tem gente que desaperta,  
solta só um bocadinho;  
tem gente que perde a cabeça  
e fica todo maluquinho.

(FREITAS, 2009, p.05)

Todas as crianças tiveram a oportunidade de contar suas histórias que iam desde de o esquecer em casa o caderno que seria utilizado naquele dia na escola até histórias bem engraçadas:

**Aluno 1:** *Eu queria amarrar as xuxinhas na minha cachorrinha mas a orelha estava atrapalhando, aí eu amarrei a orelha dela com a xuxinha. Aí a minha mãe viu e falou: 'tira isso menina, coitado do cachorro com essa orelha amarrada!' Uai, mas a culpa era do cachorro uai, a orelha dele tá no lugar errado, a minha fica mais pra baixo e não me atrapalha amarrar as xuxinhas não! Acho que tinha que apertar o juízo da mãe da minha cachorra porque deixou ela nascer com a orelha no lugar errado. (Diário de Campo, 20 mai. 2019).*

Após cada história contada a criança tinha seu “parafuso do juízo” apertado e depois colado no local um curativo bem especial junto com a advertência de se cuidar para que o parafuso não retornasse a ficar frouxo. A chave de fenda foi construída pela pesquisadora com um tubo de papel encapado com papel colorido e na ponta uma embalagem de bebida láctea fermentada.

Imagem 10: Objetos confeccionados para a atividade com o livro Cadê o Juízo do Menino?



Fonte: Acervo Pessoal - Diário de campo, 20 mai. 2019.

No decorrer da atividade foi explicado que elas estavam se envolvendo com um outro tipo de gênero, o caso.

Antes que a atividade fosse finalizada iniciou-se a seguinte discussão

**Aluno 2:** *E a professora? Não vai apertar o juízo dela não?*

**Aluno 3:** *Ah é verdade, ela tem que contar a história dela!*

**Aluno 4:** *Não tem não, adulto não perde o juízo, né professora?*

**Aluno 3:** *Perde sim! E o dia que ela esqueceu na outra escola a chave do armário e teve que chamar o Luís pra abrir pra gente senão a gente não ia ter atividade pra fazer...*

**Aluno 5:** *Ah é verdade tem que apertar o parafuso dela também!*

**Aluno 6:** *Ah nem, o Luís podia não ter conseguido abrir o armário...*

**Aluno 7:** *Aperta o parafuso dela não, aí ela esquece a chave de novo! E não aperta do Luís também não porque aí ele não lembra de como faz pra abrir o armário.*

**Aluno 5:** *É mesmo, Bárbara, não precisa apertar o parafuso dela não!*

**Aluno 8:** *Aperta sim porque ela faz muita coisa errada. Teve um dia que ela esqueceu que era dia de biblioteca e não trouxe a gente!*

**Professora 1:** *Calma, gente, desse jeito ela vai achar que meu parafuso tá mais frouxo do que o de vocês!*

**Aluno 9:** *Mas tá mesmo, professora, quase todo dia seu parafuso tá frouxo, acho que até já caiu!*

**Pesquisadora:** *É, então acho que vamos ter que apertar muito o seu juízo!*

**Estudantes:** *Aperta! Aperta! Aperta! (Diário de Campo, 20 mai. 2019).*

Imagens 11: Apertando o parafuso da aluna e da Boneca Lelê, mascote da turma.



Fonte: Acervo Pessoal - Diário de campo, 20 mai. 2019.

Segundo o conceito de Larossa (2002) sobre experiência que tem relação com a forma como algo nos toca, nos sensibiliza, nos emociona, dias após esta atividade pude confirmar que algumas crianças que participaram haviam de fato submergidos na experimentação ao se encontrarem comigo nos corredores da escola e dizerem:

***Aluno 10:** Professora, acho que a gente já tá precisando voltar na biblioteca pra apertar o parafuso do juízo de novo, porque já tá cheia de gente doida na sala! (Diário de campo, 26 jun. 2019).*

#### **7.4.2 Uso de novas tecnologias: Emengarda, a barata**

Emengarda, a Barata,  
 cismou que queria se casar.  
 Então, ela inventou algumas mentirinhas  
 para poder se gabar,  
 pensando que assim  
 um noivo bonito iria arranjar.  
 (ANDRÉ, 2009, p.5)

Informações e critérios para a seleção da obra:

- ANDRÉ, Pierre. Emengarda, a barata. Belo Horizonte: Aletria,2009.
- Pertencente ao acervo literário disponibilizado aos estudantes da Educação Infantil da RMEBH no ano de 2011.<sup>22</sup>
- Ficção.
- Reconto.
- Autor Nacional, de Belo Horizonte.
- Interpretação da obra por criança atuando como contadora de histórias.

<sup>22</sup> BARROS, Leila Cristina; PAULA, Carolina Teixeira de (org.). De livros e vivências tecidas: acervos literários dos kits escolares. Belo Horizonte. SMED, 2011.

Uma parceria entre a biblioteca e sala de aula com relação à mediação da leitura é o preenchimento do Álbum Literário. No período de observação, tive a oportunidade de conhecer o material que explora variados gêneros, um deles o reconto. Diante disto, nesta proposta, optei por trabalhar este gênero utilizando a tecnologia dos canais de compartilhamento de vídeos em rede na internet, no caso, o Youtube. Segundo Jacomé; et.al, (2007, p.36), sobre o uso de recursos audiovisuais, ele pode “[...] ser usado, à semelhança da obra literária, como instrumento de identificação e catarse, o audiovisual permite aos estudantes realizar experimentos imagéticos, linguísticos, estéticos[...]”.

O conto popular Dona Baratinha, também é conhecido por sua versão em cantiga e nesta proposta, a história foi apresentada às crianças no reconto feito pelo autor mineiro Pierre André com a interpretação de Julia Oliver no canal Mundo Encantado da Juli. Desta forma, esta proposta de atividade faz um elo entre o tradicional e o contemporâneo.

Após assistirem ao vídeo, discuti com as crianças a semelhança da história Emengarda, a Barata com outra que eles conheciam. Imediatamente se lembraram da música A Barata:

**Aluno 11:** *Parece a música da Galinha Pintadinha, da Barata Diz Que Tem mas está diferente... (Diário de campo, 21 mai. 2019.)*

Com os estudantes também conversei sobre ser uma outra criança a contadora de história e sobe a opção de assistir ao vídeo ao invés da leitura ser presencial.

**Aluno 12:** *É legal! Porque eu também gosto de gravar vídeo com o celular da minha mãe, mas eu tenho vergonha de colocar na internet.*

**Aluno 13:** *Como é que ela faz pra decorar a história e trocar de roupa assim tão rápido?*

**Aluno 14:** *Ela leu a história muitas vezes, uai, e aí ela decorou.*

**Aluno 15:** *Eu acho legal, que aí eu não preciso que minha mãe lê o livro pra mim e a menina aí leu mais bonito que a minha mãe!*

**Aluno 16:** *É, e assim, vendo na internet eu não preciso esperar o dia da biblioteca pra escutar história! (Diário de campo, 21 mai. 2019.)*

Os apontamentos das crianças refletem a aceitação e a associação da

literatura com as tecnologias e suas experiências com a cibercultura. O relato do Aluno número 4 retrata uma possibilidade da substituição de um adulto pelo aparelho eletrônico como ponte entre ele o texto. Esta atividade possibilita uma outra forma de interação com o leitor; atraente, atual e que leva a criança a perceber-se independente do adulto para o acesso à literatura.

### **7.4.3 Exploração de livros de imagem: O Guloso**

“[...] o livro de imagem proporciona ao leitor um contato com a arte. Essa interação artística faz emergir uma intensa relação com o livro e a literatura, abrindo as janelas para a imaginação e para novos olhares para o mundo.” (Burlamaque; Martins; Araújo, 2011, p.86)

Informações e critérios para a seleção da obra:

- SYPRIANO, Lilian. O Guloso. Editora Compór, Belo Horizonte: 2005.
- Pertencente ao acervo literário disponibilizado aos estudantes do Primeiro Ciclo da RMEBH no ano de 2009.<sup>23</sup>
- Livro de Imagem.
- História circular

Uma das situações observadas e já relatada foi a de um aluno que denominou um livro de imagem como “livro errado”. Diante disto, a terceira proposta de atividade é em relação ao uso deste gênero. Quanto a obra selecionada, apresenta uma história circular; quando o final apresenta uma situação que retorna ao início.

Ao apresentar o livro, alguns estudantes identificaram, de imediato, que a obra era de uma história em imagens, recordando que haviam visto o livro na estante. Ao serem questionados sobre a possibilidade de contar uma história de um livro apenas de imagem, a resposta foi afirmativa e assim demos prosseguimento.

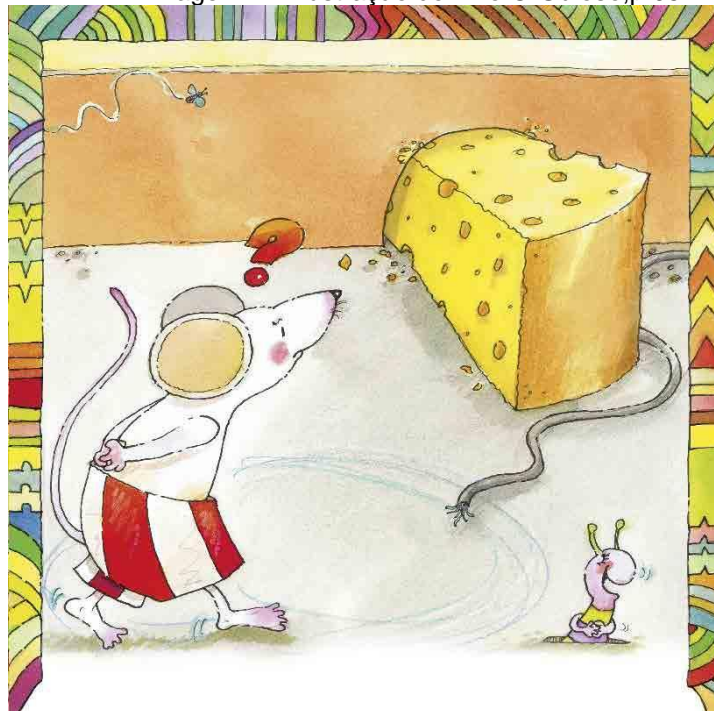
<sup>23</sup> Lista de divulgação das obras do Kit Escolar 2015 disponível em <<http://portal6.pbh.gov.br/dom/iniciaEdicao.do?method=DetalheArtigo&pk=987810>>. Acesso em 24 de setembro de 2019.

No primeiro momento todas as crianças, em um único grupo, viram em silêncio as imagens do livro apresentadas pela pesquisadora. Ao perguntar se haviam compreendido a história alguns responderam que não. A segunda etapa foi preparada conforme Burlamaque; Martins; Araújo (2011 p.86), sugere: “a partir disto, então, possibilitar a verbalização da narrativa, por meio da oralidade, observando a diversidade dos detalhes encontrada no discurso de cada um dos leitores”. Os estudantes que desejaram puderam ir à frente da turma para contar um trecho da história. Com efeito, um deles foi bem descritivo quanto aos planos do ratinho para conseguir colocar o queijo dentro de sua casa, na página 05:

**Aluno 17:** *Aí, o ratinho quis colocar o grande queijo na sua casa mas ele era muito grande para passar pela porta. Aí ele pensou que poderia chamar seus amigos pra ajudar mas ele não queria dividir o queijo. Ou então que ele podia fazer uma porta maior mas ia demorar e ele queria comer o queijo rápido. Ou ele podia morar numa casa com uma porta bem grandona assim! A minhoca até ficou rindo do plano infalível do ratinho! (Diário de campo, 27 mai. 2019).*

Através da última fala do Aluno, sobre o “plano infalível” podemos considerar sua familiaridade com outro gênero, os quadrinhos, através das histórias da Turma de Mônica de Maurício de Sousa.

Imagem 12: Ilustração do livro O Guloso, p.05



Fonte: Disponível em <<http://www.comporeditora.com.br/leitor-iniciante/o-guloso>>. Acesso 24 set. 2019

A interpretação oral do texto em imagens permite uma liberdade quanto a

forma de se expressar. Liberdade esta que está ligada tanto ao seu conhecimento de mundo, quanto ao vocabulário e a imaginação. A autonomia quanto ao uso das palavras para interpretar com ou sem julgamentos éticos o que vê pode ser percebido na cena:

*Aluno 18: Ele comeu tanto, tanto, tanto o queijo que a bundona dele ficou mais grande ainda e garrou na porta!*

*Aluno 19: Não pode ficar falando bunda, não!*

*Aluno 18: Pode sim! A minhoca tá até rindo da bunda gigante dele garrada na porta!*

*Aluno 20: Essa minhoca também só sabe rir! (Diário de campo, 27 mai. 2019).*

Mais uma vez temos, na descrição acima, a influência da leitura do mundo na leitura da palavra ou, neste caso, leitura das imagens. Enquanto para uma criança a palavra “bunda” é permitida, para a outra ela é inapropriada. Tanto esta quanto a cena anterior do “plano infalível” remetem a outro apontamento de Burlamaque; Martins; Araújo, 2011, p.83 “[...] as imagens trazem em seu contexto mensagens que serão vistas e compreendidas a partir da bagagem cultural de cada leitor”.

A exploração dos livros de imagens permitem desenvolver e expressar as capacidades imagéticas, cognitivas, de organização do pensamento, artísticas e culturais, contribuindo para a formação do sujeito leitor (BURLAMAQUE; MARTINS; ARAÚJO, 2011).

#### **7.4.4 Interatividade com a obra: Ah não, Bóris!**

Informações e critérios para a seleção da obra:

- HAUGHTON, Chris. Ah não, Bóris!. Rovellet, Rio de Janeiro: 2014.
- Pertencente ao acervo literário disponibilizado aos estudantes da Educação Infantil da RMEBH no ano de 2016.<sup>24</sup>

<sup>24</sup> Lista de divulgação das obras do Kit Escolar 2016 disponível em <<http://portal6.pbh.gov.br/dom/iniciaEducacao.do?method=DetalheArtigo&pk=1148475>>. Acesso 16 set. 2019.

- Ficção.
- Autor Estrangeiro.
- Interatividade: final formulado pelo leitor.

Na experiência com o livro de imagens, as crianças construíram o texto oral de um livro em imagens em uma preparação para as duas próximas intervenções que se referem a criação do próprio livro. Nesta proposta elas tiveram a oportunidade de complementar a história de acordo com suas próprias convicções; uma vez que não possuía um final definido. De certa forma, isto já era realizado pelas funcionárias da biblioteca, pois, sempre após a leitura do livro pela Assistente, ela e as crianças conversavam sobre a narrativa: suas impressões, opiniões e outras soluções para os conflitos da história. Porém não havia um registro das produções e uma possibilidade de aprofundamento neste segmento de mediação é de se explorar as criações. O objetivo desta proposta é demonstrar aos profissionais de biblioteca uma possibilidade de permitir que os leitores iniciais se percebam como participantes do processo imagético da composição literária e que realizem o registro das suas contribuições para a obra original.

Histórias com animais do cotidiano permitem que os leitores/ouvintes reportem lembranças similares à ficção. Durante a leitura de Ah não, Bóris! a cada situação na qual o personagem se envolvia surgiam comentários sobre o cãozinho da família ter realizado um ato semelhante.

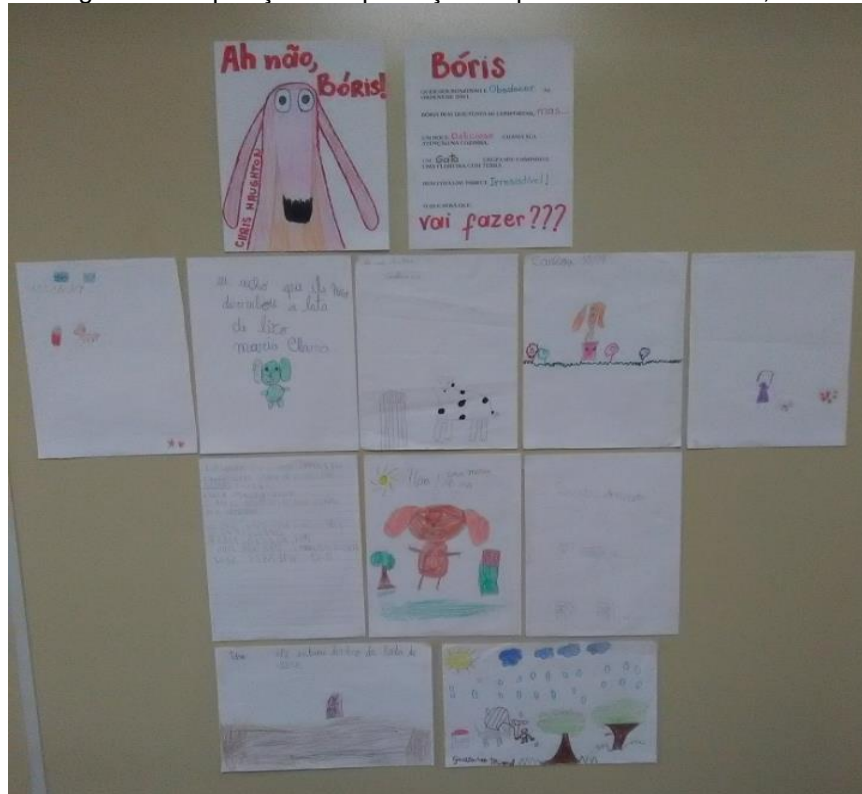
Bóris, após passar por uma sequência de episódios com o mesmo comportamento e depois pelos mesmos episódios com outro padrão de conduta, encontra-se em um novo contexto deixa para o leitor a permissividade e decidir o que ele irá fazer. Neste momento, os estudantes foram convidados a registrar por imagem ou texto qual decisão o cãozinho tomou. As produções foram expostas em forma de mural na entrada da biblioteca.

Bóris quer ser bonzinho e obedecer às ordens de Davi. Bóris bem que tenta se comportar, mas... Um doce delicioso chama sua atenção na cozinha, um gato cruza seu caminho e uma floreira com terra bem fofa lhe parece

---

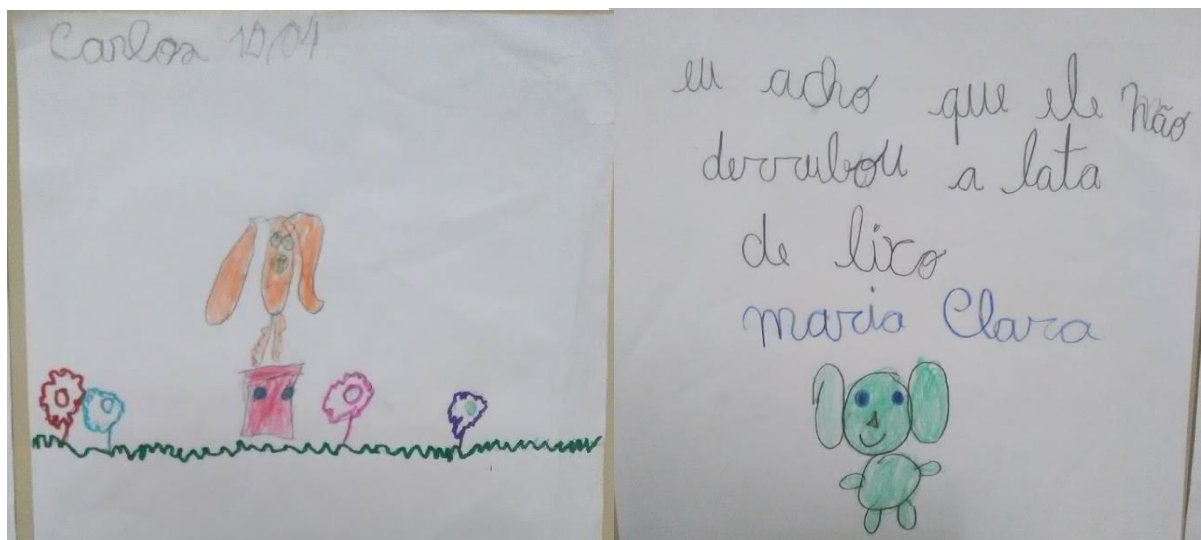
irresistível. O que será que Bóris vai fazer? (HAUGHTON, 2014, quarta capa)

Imagem 13: Exposição das produções a partir do livro Ah não, Bóris!



Fonte: Acervo Pessoal - Diário de campo, 20 de maio de 2019.

Imagem 14: Produções a partir do livro Ah não, Bóris!



Fonte: Acervo Pessoal - Diário de campo, 20 de maio de 2019.

#### **7.4.5 Produção dos estudantes: Sendo autor**

Foi assim: eu brincava de construtora, livro era tijolo;  
em pé, fazia parede; deitado, fazia degrau de escada;  
inclinado, encostava num outro e fazia telhado.  
E quando a casinha ficava pronta eu me espremia lá  
dentro pra brincar de morar em livro.[...]  
Mas como a gente tem mania de sempre querer mais,  
eu cisei um dia de alargar a troca: comecei a fabricar  
tijolo pra - em algum lugar - uma criança juntar com  
outros, e levantar a casa onde ela vai morar. (NUNES, 1988, p.7-8)

O texto de Nunes (1988) nos possibilita refletir sobre a trajetória do leitor para escritor. A intimidade com as palavras sucede do constante contato e troca entre livro e leitor. Segundo Nunes (1988, p.08) “[...]essa troca tão gostosa que - no meu jeito de ver as coisas - é a troca da própria vida; quanto mais eu buscava no livro, mais ele me dava”. Com esta constante troca, Nunes que quando criança se abrigava em uma casa de livros, quando adulta passou a fabricar tijolos para outras crianças. Esta última proposta se baseia na condição do aluno como leitor e autor e em parceria com a sala de aula a respeito do processo de aquisição da escrita.

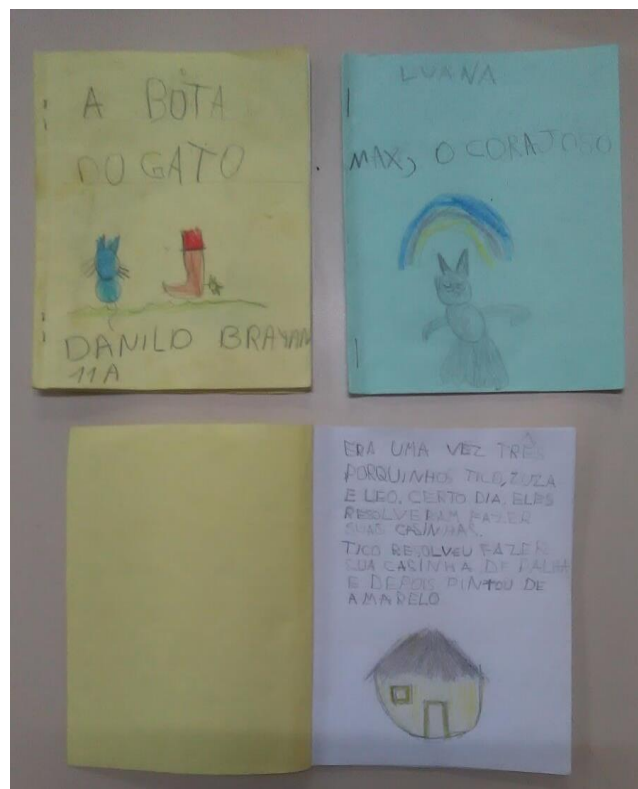
Cada criança recebeu um grupo de folhas dobradas e grampeadas formando livro artesanal. Utilizando um livro como exemplo, apresentei a elas as partes do livro - cortes, lombada, capa, quarta capa, orelha, folha de guarda, de rosto e miolo - e as informações que contém a capa e a folha de rosto - título, autor, tradutor, ilustrador e editora -. Os estudantes já conseguiam identificar as informações da capa e da folha de rosto devido ao trabalho desenvolvido pelas profissionais de biblioteca que, durante as contações de histórias, ao apresentar a obra liam e apontavam para estas informações.

Após serem orientadas sobre a estrutura do livro, as crianças levaram para casa o livro artesanal para criarem suas próprias histórias, respeitando o que haviam aprendido sobre as partes do livro e sua opção por fazer uma obra textual ou de imagens. Houve um período de uma semana para que o retorno das produções que

poderiam ser de qualquer gênero. As crianças perguntaram várias vezes se poderiam fazer o livro de uma história que já conheciam, se poderiam fazer parecido com alguma história mas não igual, se poderiam inventar uma história, se poderiam colar figuras, se poderiam não desenhar nem colar figuras ou se poderiam contar a história delas. Respondi atentamente a cada dúvida para facilitar nas produções. Entretanto, ainda assim, fui procurada por alguns pais através do grupo no Whats App que a escola utiliza para facilitar o contato com a família. Como funcionária da escola, participo deste grupo e os pais optaram por me pedir mais orientações sobre a proposta. Solicitei as famílias para interferirem da menor forma possível nas produções das crianças, deixando-as livres para escolher o tema e a forma do registro; como autoras dever-se-ia preservar o respeito à capacidade criadora dela.

Recebi 36 produções; 02 obras incompletas, 02 obras em branco, 06 livros de imagem e 26 textos verbais. Algumas produções foram releituras: João e o pé de feijão, Os três porquinhos, Rapunzel, A menina bonita do laço de fita, A bota do gato e Max, o corajoso.

*Imagem 15: Livros produzidos pelos estudantes*

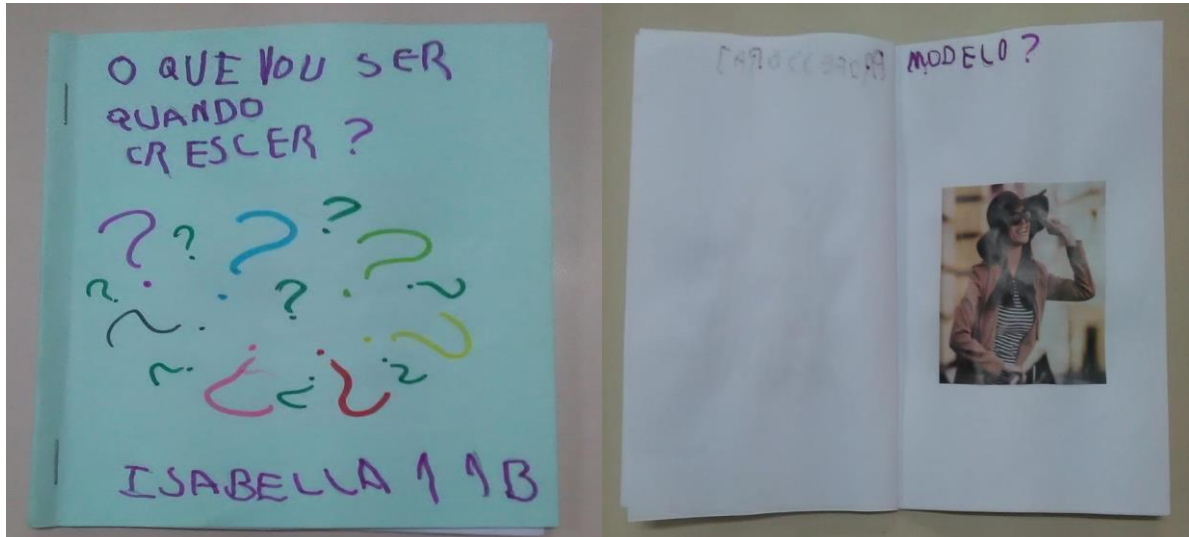


Fonte: Acervo Pessoal - Diário de campo, 29 jun. 2019.

Uma produção foi inspirada no livro Clara de Illan Brennam, ela relata:

**Aluno 21:** *Eu fiz igual o livro da Clara porque eu também quero fazer um tanto de coisa quando eu crescer! (Diário de campo, 29 jun. 2019).*

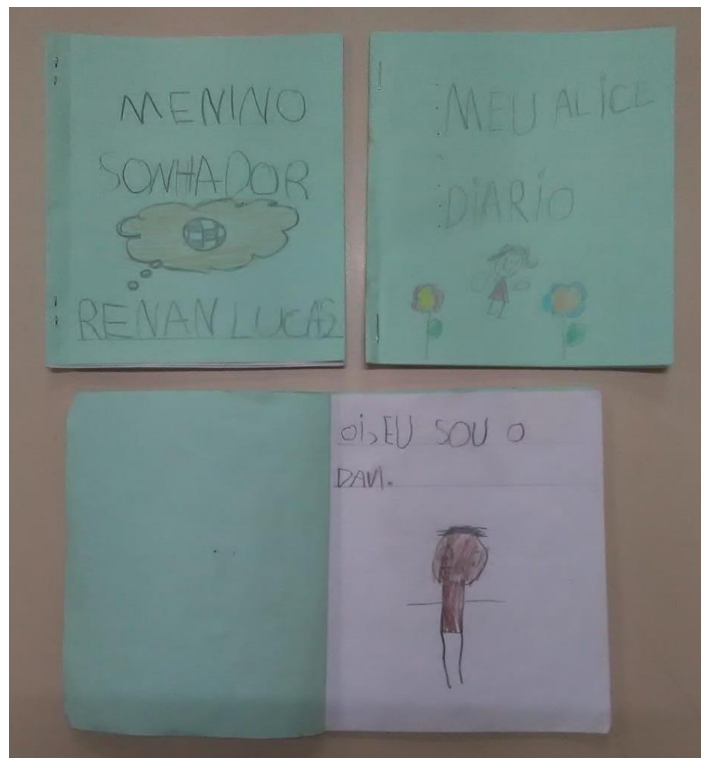
Imagem 16: Livro produzido por uma aluna



Fonte: Acervo Pessoal - Diário de campo, 29 jun. 2019.

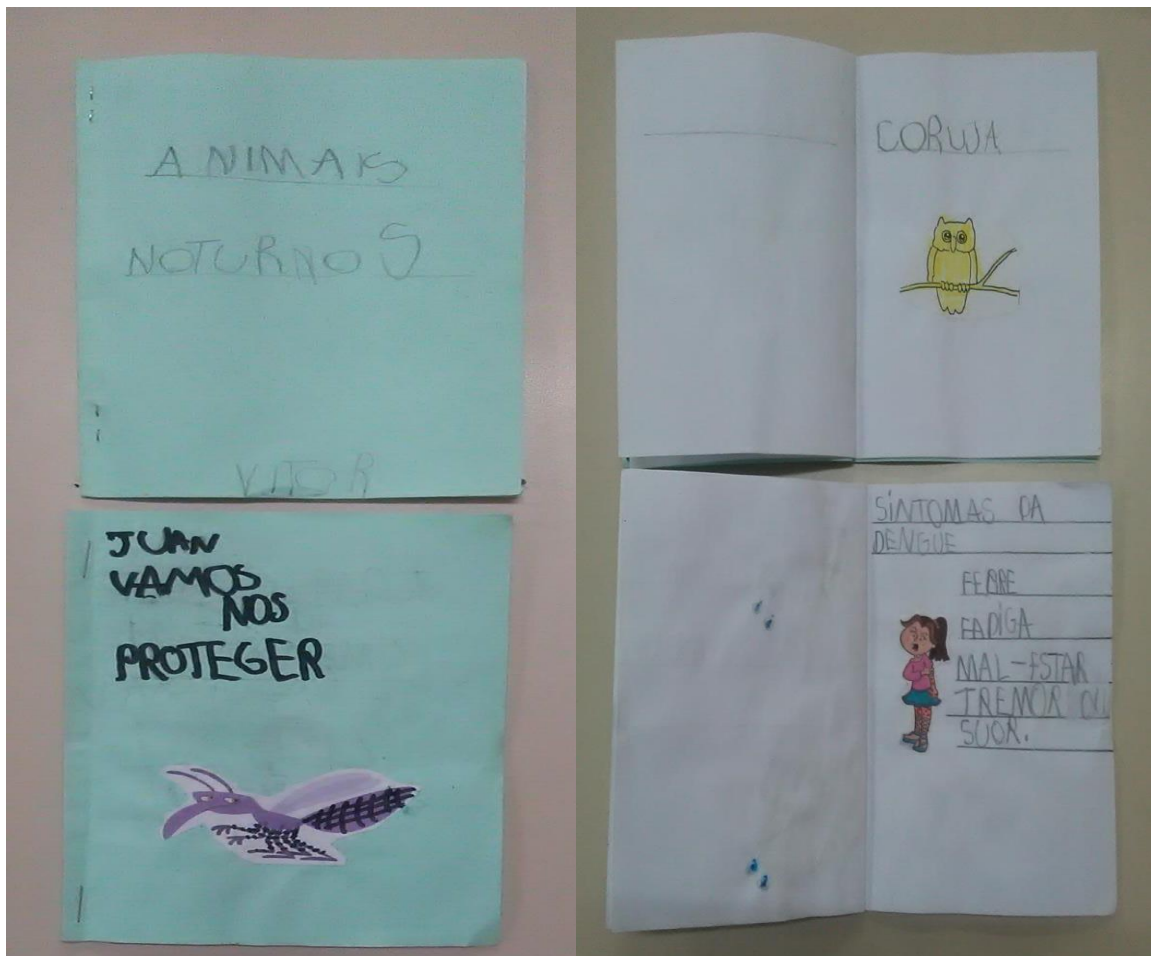
Foram entregues também autobiografias, curiosidades e material informativo:

Imagem 17: Livros produzidos por estudantes; biografia



Fonte: Acervo Pessoal - Diário de campo, 29 jun. 2019.

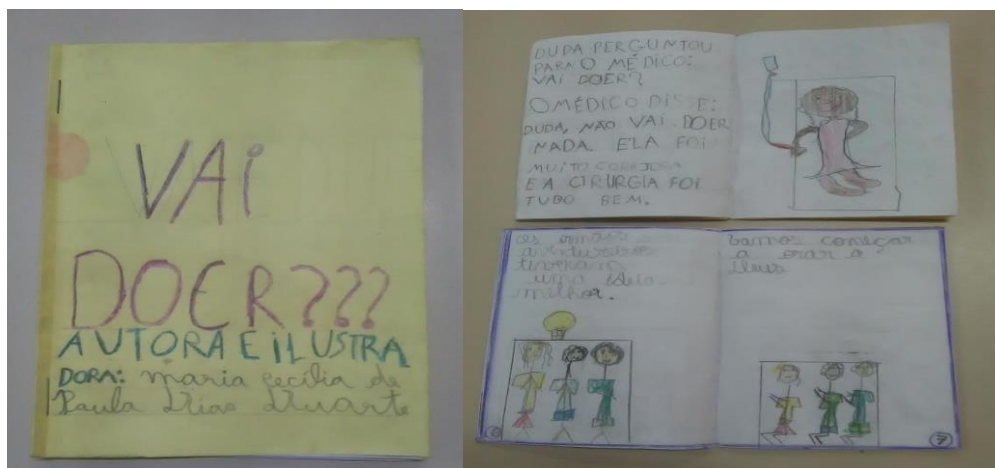
Imagem 18: Livros produzidos por estudantes; curiosidade e informativo



Fonte: Acervo Pessoal - Diário de campo, 29 jun. 2019.

Foi possível perceber a reprodução da vivência da criança na obra ficcional:

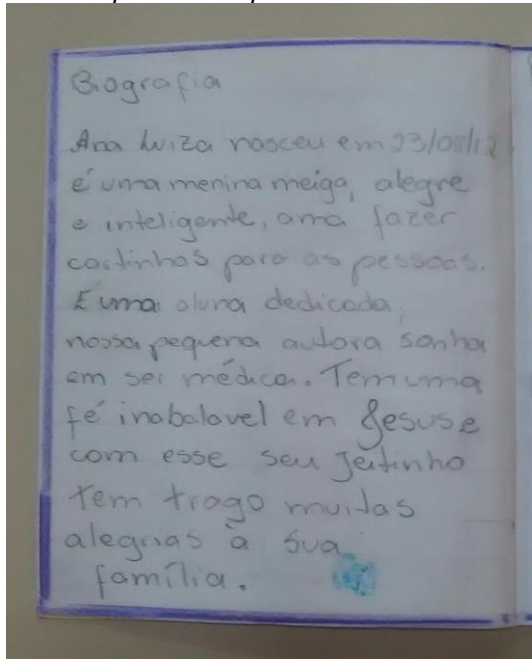
Imagem 19: Livros produzidos por estudantes



Fonte: Acervo Pessoal - Diário de campo, 29 jun. 2019.

Alguns livros produzidos trouxeram informações de capa, folha de rosto e biografia do autor.

Imagem 20: Livros produzidos por aluno - Detalhe dados do autor



Fonte: Acervo Pessoal - Diário de campo, 29 jun. 2019.

Ao entregarem as produções, as crianças estavam eufóricas, mostrando aos colegas, compartilhando os livros produzidos entre elas e me perguntando quando eu leria. A satisfação com o livro que produziram estava estampada em seus rostos e pessoalmente fiquei encantada com a qualidade das obras pois foram cuidadosas na confecção, dedicaram-se a realizar com zelo a escrita e as ilustrações. Algumas crianças me perguntaram quando poderiam fazer outro livro, que havia mais histórias para contar porque como disse Nunes (1988) “a gente tem mania de sempre querer mais”.

## **8. CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Quanto aos resultados, a pesquisa constatou que são escassas as produções de estudos que focam a mediação da leitura na perspectiva do profissional que não é estritamente o docente. Buscou-se dar visibilidade as práticas dos profissionais de biblioteca, com relevância as dos Assistentes Administrativos Educacionais, devido as alterações de suas atribuições que incidiram na sua atuação como mediadores de leitura.

No tocante às estratégias elaboradas pelos profissionais de biblioteca para a mediação da leitura e formação do leitor infantil, concluo que é recorrente a utilização do objeto livro. Também foi possível perceber por meio dos relatos e portfólios examinados a produção de cenários, figurinos, objetos construídos pelos profissionais, o que confere um investimento em diferentes estratégias de organização do trabalho pedagógico na escola pesquisada até o final do ano de 2018. Entretanto a atuação destes profissionais como mediadores de leitura foi impactada com as determinações da Lei nº 11.132 e do Decreto nº 17.005 e atualmente, com orientações da SMED/BH em cumprimento das normativas para cessarem com estas atividades, eles estão gradativamente diminuindo as suas atuações de mediação literária. Futuras pesquisas poderão contribuir com análise em maior profundidade quanto ao impacto desta legislação na formação de leitores das escolas públicas da rede municipal de Belo Horizonte.

## REFERÊNCIAS

AGUIAR, Vera Teixeira de. Leitura literária para crianças brasileiras: das fontes às margens. *In*: SOUZA, Renata Junqueira de; FEBA, Berta Lúcia Tagliari. **Leitura literária na escola**: reflexões e propostas na perspectiva do letramento. Campinas: Mercado das Letras, 2011.

AGUIAR, Vera Teixeira de; BORDINI, Maria da Glória. **Literatura**: a formação do leitor, alternativas metodológicas. 2. ed. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1993.

ANDRÉ, Pierre. **Emengarda, a barata**. Belo Horizonte: Aletria, 2009.

BARROS, Leila; PAULA, Carolina Teixeira (org.). **De livros e vivências tecidas**: acervos literários dos kits escolares. Belo Horizonte. SMED, 2011.

\_\_\_\_\_. Biblioteca Escolar na Rede Municipal de Educação de Belo Horizonte: Avanços e Possibilidades Educação em Foco. **Educação em foco**, Belo Horizonte, ano 19, n. 29, p. 199-214 set/dez. 2016. Disponível em <<http://revista.uemg.br/index.php/educacaoemfoco/article/view/1931/1046>>. Acesso 28 mai. 2019.

BELO HORIZONTE. Ata da sessão pública - Pregão 2008/0181, **Diário Oficial do Município**, Belo Horizonte, 2008. Disponível em <<http://portal6.pbh.gov.br/dom/iniciaEdicao.do?method=DetalheArtigo&pk=987810>> Acesso 30 mai. 2019.

\_\_\_\_\_. Comunicado: Divulgação Dos Livros Literários Seleccionados Para O Kit Escolar 2016, **Diário Oficial do Município**, Belo Horizonte, 2015. Disponível em <<http://portal6.pbh.gov.br/dom/iniciaEdicao.do?method=DetalheArtigo&pk=1148475>> . Acesso 16 set. 2019.

\_\_\_\_\_. Decreto nº 17.005, de 31 de outubro de 2018. Regulamenta a Lei nº 11.132, de 18 de setembro de 2018, quanto às atividades dos ocupantes dos cargos e funções por ela estabelecidos. **Diário Oficial do Município**, Belo Horizonte, 2018. Disponível em <<http://portal6.pbh.gov.br/dom/iniciaEdicao.do?method=DetalheArtigo&pk=1202615>> Acesso: 29 abr. 2019

\_\_\_\_\_. Lei 0 de 21 de março de 1990. Lei orgânica do município de Belo Horizonte. **Diário Oficial do Município**, Belo Horizonte, 1990. Disponível em <[http://www.pbh.gov.br/smsa/biblioteca/conselho/lei\\_organica\\_do\\_municipio.htm](http://www.pbh.gov.br/smsa/biblioteca/conselho/lei_organica_do_municipio.htm)>. Acesso 28 mai. 2019.

\_\_\_\_\_. Lei nº 7.030 de 11 de janeiro de 1996. Cria o cargo de auxiliar de Biblioteca Escolar, prorroga o prazo previsto no art. 6º da Lei 6.939, de 16 agosto de 1995, altera a composição numérica dos cargos de Auxiliar de Administração, Agente de Administração I e Professor Municipal, e dá outras providências. **Diário Oficial do Município**, Belo Horizonte, 1996. Disponível em <<http://portal6.pbh.gov.br/dom/iniciaEdicao.do?method=DetalheArtigo&pk=1042825>> Acesso: 29 abr. 2019.

\_\_\_\_\_. Lei nº 11.132, de 18 de setembro de 2018. Estabelece a autonomia das Unidades Municipais de Educação Infantil - Umeis, transformando-as em Escolas Municipais de Educação Infantil - Emeis, cria o cargo comissionado de Diretor de Emei, as funções públicas comissionadas de Vice-Diretor de Emei e de Coordenador Pedagógico Geral, o cargo comissionado de Secretário Escolar, os cargos públicos de Bibliotecário Escolar e de Assistente Administrativo Educacional e dá outras providências. **Diário Oficial do Município**, Belo Horizonte, 2018. Disponível em <<http://portal6.pbh.gov.br/dom/iniciaEdicao.do?method=DetalheArtigo&pk=1200509>> Acesso: 29 abr. 2019.

\_\_\_\_\_. Portaria Secretaria Municipal de Educação - SMED - Nº 182/2016 Dispõe sobre critérios para a organização do quadro de pessoal das Escolas Municipais e do quadro administrativo das Unidades Municipais de Educação Infantil da Rede Municipal de Educação de Belo Horizonte e dá outras providências. **Diário Oficial do Município**, Belo Horizonte, 2016. Disponível em <<http://portal6.pbh.gov.br/dom/iniciaEdicao.do?method=DetalheArtigo&pk=1165015>> . Acesso: 29 abr. 2016.

\_\_\_\_\_. Resolução CME/BH nº 001/2018. Estabelece diretrizes operacionais complementares para a matrícula inicial de crianças nas instituições de educação infantil do sistema municipal de ensino de belo horizonte (SMED/BH) e no ensino

fundamental da rede pública municipal. **Diário Oficial do Município**, Belo Horizonte, 2018. Disponível em <<http://portal6.pbh.gov.br/dom/iniciaEdicao.do?method=DetalheArtigo&pk=1203711>> Acesso: 29 abr. 2016.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil**: de 5 de outubro de 1988, emendas constitucionais n.os 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 13, 14, 15, 16, 17, 18, 19, 20, 21, 22, 23, 24, 25, 26, 27, 28, 29, 30 e 31; Leis n.os 9.868, de 10/11/1999, e 9.882, de 03/12/1999; emendas constitucionais de revisão n.os 1, 2, 3, 4, 5 e 6; índice remissivo. 17. ed. São Paulo: Atlas, 2001.

\_\_\_\_\_. **Estatuto da Criança e do Adolescente**: Legislação relacionada; Legislação complementar; Índice remissivo. Dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente e dá outras providências. Brasília, DF, 1990. 10. ed. São Paulo: Atlas, 2001.

\_\_\_\_\_. Decreto nº 6.094, de 24 de abril de 2007. Dispõe sobre a implementação do Plano de Metas Compromisso Todos pela Educação, pela União Federal, em regime de colaboração com Municípios, Distrito Federal e Estados, e a participação das famílias e da comunidade, mediante programas e ações de assistência técnica e financeira, visando a mobilização social pela melhoria da qualidade da educação básica. **Ministério Público Federal**. Brasília, 2007. Disponível em <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2007-2010/2007/decreto/d6094.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2007/decreto/d6094.htm)>. Acesso 30 abr. 2019.

\_\_\_\_\_. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira. **Plano Nacional de Educação PNE 2014-2024**: Linha de Base. Brasília: Inep, 2015. Disponível em <[file:///home/adm/babi\\_leilane/Downloads/pne\\_2014\\_2024\\_linha\\_base.pdf](file:///home/adm/babi_leilane/Downloads/pne_2014_2024_linha_base.pdf)>. Acesso 29 abr. 2016.

\_\_\_\_\_. Lei nº 12.244 de 24 de maio de 2010. Dispõe sobre a universalização das bibliotecas nas instituições de ensino do País. **Diário Oficial da União**. Brasília, 2010. Disponível em <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2007-2010/2010/lei/l12244.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2010/lei/l12244.htm)>. Acesso 30 abr. 2016.

\_\_\_\_\_. Lei nº 13.257, de 8 de março de 2016. Dispõe sobre as políticas públicas para a primeira infância e altera a Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990 (Estatuto da Criança e do Adolescente), o Decreto-Lei nº 3.689, de 3 de outubro de 1941 (Código de Processo Penal), a Consolidação das Leis do Trabalho (CLT), aprovada pelo Decreto-Lei nº 5.452, de 1º de maio de 1943, a Lei nº 11.770, de 9 de setembro de 2008, e a Lei nº 12.662, de 5 de junho de 2012. **Diário Oficial da União**. Brasília, 2016. Disponível em <<http://www.in.gov.br/web/dou/-/lei-no-13-257-de-8-de-marco-de-2016-21172701?inheritRedirect=true>>. Acesso 30 abr. 2016.

\_\_\_\_\_. Portaria nº 826, de 7 de julho de 2017. Dispõe sobre o Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa - PNAIC -, suas ações, diretrizes gerais e a ação de formação no âmbito do Programa Novo Mais Educação-PNME. **Diário Oficial da União**. Brasília, Brasília, 2017. Disponível em <[http://pacto.mec.gov.br/images/pdf/legislacao/portaria\\_mec\\_826\\_alterada.pdf](http://pacto.mec.gov.br/images/pdf/legislacao/portaria_mec_826_alterada.pdf)>. Acesso 30 abr. 2016.

\_\_\_\_\_. Resolução nº 2, de 9 de outubro de 2018. Define diretrizes operacionais complementares para a matrícula inicial de crianças na educação infantil e no ensino fundamental, respectivamente, aos 4 (quatro) e aos 6 (seis) anos de idade. Brasília, DF, 2018. **Diário Oficial da União**, Brasília, 2018. Disponível em <<http://www.in.gov.br/web/dou/-/resolucao-n-2-de-9-de-outubro-de-2018-44709377?inheritRedirect=true>> Acesso 12 mai. 2019.

BRASIL. Ministério da Educação. Resolução nº 5, de 17 de dezembro de 2009. Fixa as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil. **Diário Oficial da União**, Brasília, 2009. Disponível em <[http://portal.mec.gov.br/dmdocuments/resolucao\\_cne\\_ceb001\\_2009.pdf](http://portal.mec.gov.br/dmdocuments/resolucao_cne_ceb001_2009.pdf)> Acesso: 30 abr. 2019.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Curricular Comum**. Disponível em <[http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC\\_EI\\_EF\\_110518\\_versaofinal\\_site.pdf](http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_versaofinal_site.pdf)> Acesso 12 jan. 2019.

\_\_\_\_\_. Plano Nacional de Educação. **Diário Oficial da União**, Brasília,

2009. Disponível em

<[http://pne.mec.gov.br/images/pdf/pne\\_conhecendo\\_20 metas.pdf](http://pne.mec.gov.br/images/pdf/pne_conhecendo_20 metas.pdf)>. Acesso 02 fev. 2019.

\_\_\_\_\_. **PNBE na escola: literatura fora da caixa Guia 1: Educação infantil.** Ministério da Educação. Elaborada pelo Centro de Alfabetização, Leitura e Escrita da Universidade Federal de Minas Gerais. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2014.

\_\_\_\_\_. **PNBE na escola: literatura fora da caixa Guia 2: Educação infantil.** Ministério da Educação. Elaborada pelo Centro de Alfabetização, Leitura e Escrita da Universidade Federal de Minas Gerais. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2014.

BURLAMAQUE, Fabiane Verardi; MARTINS, Kelly Cristina; ARAUJO, Mayara dos Santos. A leitura do livro de imagem na formação do leitor. *In*: SOUZA, Renata Junqueira de; FEBA, Berta Lúcia Tagliari. **Leitura literária na escola: reflexões e propostas na perspectiva do letramento.** Campinas: Mercado das Letras, 2011.

CANDIDO, Antonio. **Vários escritos.** 5.ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2011.

CANTALICE, Lucicleide Maria de. Ensino de estratégias de leitura. **Psicologia Escolar e Educacional**, Campinas, v.08, n.01, p.105-106, jun. 2004. Disponível em <<http://dx.doi.org/10.1590/S1413-85572004000100014>>. Acesso 02 jun. 2019.

CARDOSO, Manoel. **Estudos de literatura infantil: livro do mestre.** São Paulo: Editora do Brasil, 1991.

FLICK, Uwe. **Introdução à pesquisa qualitativa.** 3. ed. Porto Alegre: Artmed, 2009.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler: em três artigos que se completam.** 23. ed. São Paulo: Autores Associados: Cortez, 1989.

FREITAS, Tino. **Cadê o juízo do menino?.** Rio de Janeiro: Manati, 2009.

**GETECO** - E tudo começou assim... 2009. Disponível em

<<http://jornaldogeteco.blogspot.com/2009/05/geteco-e-tudo-comecou->

assim.html>Acesso: 28 nov. 2018.

GOULART, Maria Inês Mafra. **Infância(s)**: crianças de 0 a 6 anos e suas especificidades. Belo Horizonte: UFMG/PROEX, 2008.

HAUGHTON, Chris. **Ah não, Boris!**. Rovellet, Rio de Janeiro: 2014. p. [quarta capa].

HAUM. Haieska; et al. (org). **Políticas de desenvolvimento de acervo das bibliotecas escolares da Rede Municipal de Belo Horizonte**. Belo horizonte: SMED, 2009.

HUECK, Karin. O lado sombrio dos contos de fadas. **Superinteressante**, [São Paulo. 2016] Disponível em <<https://super.abril.com.br/especiais/o-lado-sombrio-dos-contos-de-fadas/>>. Acesso 28 mai. 2019.

JÁCOME, Marluce, FERREIRA, Marta da Piedade; SOUZA, Rosilene; RANGEL, Rubens. O uso didático de obras audiovisuais. *In:Formando leitores de telas e textos*. HIGINO, Anderson; BARBOSA, Clarisse; Pereira, Maria Antonieta (org.). Belo Horizonte: FALE/UFMG, 2007.

LALANDE, André. **Vocabulário técnico e crítico de filosofia**. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

LARROSA, Jorge. **Notas sobre a experiência e o saber de experiência**. Revista Brasileira de Educação. Jan/Fev/Mar/Abr 2002 Nº19, 2002. Disponível em <<http://www.scielo.br/pdf/rbedu/n19/n19a02.pdf>> Acesso 15 fev. 2019.

LIMA, Luciene Azevedo Oliveira; FREITAS, Daniela Amaral Silva. Mediação, Práticas de Leitura, Educação Infantil – Diálogos na revisão bibliográfica. **XII Jogo do Livro e II seminário internacional latino-americano**, [Belo Horizonte], 2017. Disponível em <<http://ceale.fae.ufmg.br/app/webroot/files/uploads/xii%20jogo%20do%20livro/ANAIS%20parte%201/Media%C3%A7%C3%A3o%20Pr%C3%A1ticas%20de%20Leitura%20Educa%C3%A7%C3%A3o%20Infantil.pdf>> Acesso 24 mai. 2019.

LOPEZ, María Emilia. Os bebês, as professoras e a literatura: um triângulo amoroso. *In: Bebês como leitores e autores*. Ministério da Educação, Secretaria de

Educação Básica. 1. ed. Brasília: MEC / SEB, 2016.

**Nova organização aumenta o número de profissionais nas Bibliotecas**

**Escolares.** Disponível em <<https://prefeitura.pbh.gov.br/noticias/nova-organizacao-aumenta-o-numero-de-profissionais-nas-bibliotecas-escolares>>. Acesso: 29 abr. 2016.

NUNES, Lygia Bojunga. **Livro:** um encontro com Lygia Bojunga Nunes. Rio de Janeiro: Agir, 1988.

OSTETTO, Luciana Esmeralda. Educação Infantil e Arte: sentidos e práticas possíveis. **Caderno de Formação:** formação de professores educação infantil princípios e fundamentos. Acervo digital Unesp, v. 3, p. 27-39, mar. 2011. Disponível em: < [https://acervodigital.unesp.br/bitstream/unesp/337954/1/caderno-formacao-pedagogia\\_8.pdf](https://acervodigital.unesp.br/bitstream/unesp/337954/1/caderno-formacao-pedagogia_8.pdf)> Acesso: 13 fev. 2019.

PAIVA, Aparecida. Livros infantis: critérios de seleção as contribuições do PNBE. *In:* BRASIL. Ministério da Educação. **Acervos, espaços e mediações.** Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica. 1. ed. Brasília: MEC / SEB, 2016.

PEREIRA, Rita Ribes. Infância e cultura. *In:* **Ser criança na educação infantil:** infância e linguagem. Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica. 1. ed. Brasília: MEC / SEB, 2016.

REYES, Yolanda. **A casa imaginária:** leitura e literatura na primeira infância. 1. ed. São Paulo: Cortez, 2010.

\_\_\_\_\_. Mediadores de leitura. **Glossário Ceale:** termos de alfabetização, leitura e escrita para educadores, Belo Horizonte: FaE-UFMG, 2014. Disponível em <<http://ceale.fae.ufmg.br/app/webroot/glossarioceale/verbetes/mediadores-de-leitura>>. Acesso 04 mar. 2019.

SILVA, João Paulo da; et al. A formação de leitores a partir da contação de histórias. *In:* HIGINO, Anderson; BARBOSA, Clarisse; PEREIRA, Maria Antonieta (org.). **Formando leitores de telas e textos.** Belo Horizonte: Linha editorial Tela e Texto, FALE/UFMG, 2007.

SILVA, Vera Lúcia Tietzmann. **Leitura literária & outras leituras**: impasses e alternativas no trabalho do professor. Belo Horizonte: RHJ, 2009.

SOUZA, Maiara Ferreira de; SCHEFFER, Ana Maria Moraes; SOUZA, Luciane Aparecida. Mediações de leitura literária na educação infantil: reflexões sobre os tempos e os espaços para formação do leitor. *In*: MACEDO, Maria do Socorro Alencar Nunes (org.). **Educação literária**: mediação e prática pedagógica. Recife: Linguaraz Editor, 2018.

SYPRIANO, Lilian. **O Guloso**. Editora Compor, Belo Horizonte: 2005.